



Jorge Manuel Constante Andrade

**Caracterização psicológica de mulheres que praticaram crimes violentos: uma
revisão sistemática da literatura**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Rita Conde

julho 2021



Jorge Manuel Constante Andrade

**Caracterização psicológica de mulheres que praticaram
Crimes violentos: uma revisão sistemática da literatura**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto
Para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime
Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto
No dia 27/07/2021, perante o júri seguinte:

Presidente: Professora Doutora Carla Margarida Vieira Antunes
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Professora Doutora Ana Rita Conde Dias
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Orientadora: Professora Doutora Célia Isabel Lima Ferreira
(Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Julho 2021

De acordo com a legislação em vigor, não é permitida a reprodução de reprodução de qualquer parte desta tese/dissertação.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer á minha família, em particular a minha esposa e a minha filha, pelo apoio, compreensão e paciência que tiveram comigo durante este percurso, para a elaboração desta dissertação. A companhia de todos eles foi importante para mim e ajudou a superar os momentos mais difíceis nesta fase da minha vida.

Um agradecimento á Prof^a Dr^a Rita Conde, orientadora desta dissertação, por ter aceitado orientar-me, por ter facultado muito material de estudo, pelo seu apoio e conhecimento nesta área. Sem o seu apoio incondicional esta dissertação não seria possível.

Resumo

Caracterização psicológica de mulheres que praticaram crimes violentos: uma revisão sistemática da literatura

Enquadramento: A criminalidade violenta perpetrada no feminino tem sido um fenómeno pouco estudado. A maioria da investigação foca a comparação entre homens e mulheres, procurando compreender o menor envolvimento das mulheres no crime, ou foca o historial da vitimação e as situações de adversidade, obscurecendo a caracterização psicológica.

Objetivo: Obter uma descrição detalhada da literatura e dos estudos sobre a caracterização psicológica das mulheres que praticam crimes violentos.

Método: Revisão sistemática, utilizando as *guidelines* do PRISMA-P. Elaboraram-se critérios de elegibilidade para a seleção das publicações e a pesquisa foi realizada em 7 bases de dados eletrónicas. O processo foi efetuado por dois investigadores independentes.

Resultados: Os estudos são quase todos de natureza quantitativa, de design transversal retrospectivo, com recolha de dados no sistema prisional. Há uma variabilidade no tipo de estudos quanto à utilização de grupos de controlo. A maioria dos estudos são desenvolvidos na Europa, principalmente nos países do Norte. Os estudos tendem a recorrer a uma variabilidade de instrumentos de recolha (bases de dados do sistema prisional, instrumentos de autorrelato e entrevistas). Dependendo das amostras utilizadas, os resultados apontam para resultados contraditórios.

Conclusão: Quando os estudos utilizam apenas amostras de mulheres que praticaram crimes violentos, tendem a apontar para a existência de problemas de saúde mental, principalmente perturbações de personalidade. Quando os estudos utilizam amostras comparativas os resultados começam a ser menos consistentes. Apesar desta diversidade, identificam-se alguns indicadores psicológicos transversais e/ou mais consensuais.

Palavras-Chave: criminalidade feminina; crimes violentos; saúde mental; características psicológicas; revisão sistemática

Abstract

Psychological characterization of women who committed violent crimes: a systematic review of the literature

Background: Violent crime perpetrated by women has been a poorly studied phenomenon. Most of the investigation focuses on the comparison between men and women, seeking to understand the lesser involvement of women in crime, or focuses on the history of victimization and situations of adversity, obscuring the psychological characterization.

Objective: To obtain a detailed description of the literature and studies on the psychological characterization of women who commit violent crimes.

Method: Systematic review, using the PRISMA-P guidelines. Eligibility criteria were developed for the selection of publications and the research was carried out in 7 electronic databases. The process was carried out by two independent researchers.

Results: The studies are almost all quantitative, with a retrospective cross-sectional design, with data collection in the prison system. There is a variability in the type of studies regarding the use of control groups. Most studies are carried out in Europe, mainly in the countries of the North. Studies tend to use a variety of collection instruments (databases of the prison system, self-report instruments and interviews). Depending on the samples used, the results point to contradictory results.

Conclusion: When studies use only samples of women who have committed violent crimes, they tend to point to the existence of mental health problems, mainly personality disorders. When studies use comparative samples, the results start to be less consistent. Despite this diversity, some transversal and / or more consensual psychological indicators are identified.

Keywords: female criminality; violent crimes; mental health; psychological characteristics; systematic review

Índice

Introdução	1
Enquadramento teórico	2
Objetivo	13
Método	13
Resultados	19
Discussão	26
Referências	29
Anexo	37

Índice de figuras

Figura 1.....	18
---------------	----

Índice de quadros

Quadro 1.....	38
---------------	----

Introdução

Durante muitas décadas o crime foi essencialmente considerado como um fenómeno predominantemente masculino, pelo que a criminalidade feminina tem sido um fenómeno negligenciado na literatura e investigação (Curran & Ranzetti, 2001), principalmente a criminalidade feminina violenta. No que diz respeito aos crimes violentos, a maioria da investigação tem sido desenvolvida com homens ofensores e os estudos com mulheres têm-se centrado na comparação entre homens e mulheres, procurando compreender o menor envolvimento das mulheres no crime (Walsh et al., 2020).

Segundo alguns autores, as mulheres tendem a ser mais conformistas do que os homens e, para que ultrapassem o limite da conformidade, é necessário um maior número ou gravidade dos fatores de risco associados ao comportamento criminal para que assumam comportamentos antissociais (Walsh et al., 2020). No que diz respeito a estes fatores de risco, a maioria da investigação centra-se no historial da vitimação das mulheres (abusos físicos, sexuais e psicológicos, negligência) e nas situações de adversidade (desestruturação familiar, pobreza, exclusão) (Walsh et al., 2020).

No entanto, no que se refere ao perfil psicológico das mulheres envolvidas em crimes violentos, a literatura e a investigação é menos consistente. Encontram-se maioritariamente estudos focados nos problemas de saúde mental decorrentes do historial de vitimação/adversidade e nas perturbações de personalidade. Além destes, identificam-se ainda alguns estudos sobre algumas dimensões da personalidade, mas focados na análise comparativa entre homens e mulheres (e.g., Moffit et al., 2001), obscurecendo a caracterização específica das mulheres.

Assim, não há um conhecimento concreto e sistematizado sobre o perfil ou caracterização psicológica das mulheres que perpetraram crimes violentos, sendo maioritariamente analisadas à luz da criminalidade e características masculinas. Por outro lado, a descrição, análise e explicações, da criminalidade feminina variam em função do background teórico (feministas vs. *gender neutral*) que dificulta um conhecimento mais consistente das características psicológicas das mulheres ofensoras violentas.

Neste contexto, identifica-se a necessidade de realizar uma revisão sistemática sobre a caracterização psicológica das mulheres que praticaram crimes violentos, a qual

poderá contribuir para a discussão de *guidelines* orientadoras em termos de intervenção – preventiva e remediativa.

Enquadramento teórico

Crimes violentos – definição, tipologias e prevalência

A literatura não apresenta uma definição consensual de violência (Alvarez & Bachman, 2017), refletindo-se na dificuldade de delimitar o que constitui um crime violento. Crime violento é uma violação da lei penal que envolve o uso intencional de violência por uma pessoa contra outra (Oxford Encyclopedia, 2017). No entanto há autores que indicam que o termo “violento” deve circunscrever-se a comportamentos ou ameaças de agressão física e danos físicos (Reiss & Roth, 1993; Uniform Crime Reporting, 2010, 2019), enquanto outros incluem comportamentos de agressão psicológica, privação/e negligência com danos ao nível emocional e psicológico (Alvarez & Bachman, 2017).

Embora a definição e tipologias não sejam consensuais, verifica-se no âmbito da medição e análise dos diferentes tipos de crime, o uso do dano ou ameaça de dano físico como critério de delimitação do crime violento. Segundo Reiss e Roth (1993), o crime violento pode ser definido como os comportamentos que intencionalmente ameaçam, tentam ou infligem danos físicos. Assim, esta definição inclui uma variedade de tipos de crime, tais como o homicídio, a agressão, o roubo acompanhado de força ou ameaça, a violação e a tortura.

Também no Uniform Crime Reporting (2018) do FBI, os crimes violentos são definidos como os crimes que envolvem o uso da força e a ameaça do uso da força, incluindo essencialmente 4 tipos de crime: homicídio culposo, violação, roubo e agressão agravada. Concomitantemente, o Bureau of Justice Statistics (2020) inclui o homicídio, violação e agressão sexual, roubo e agressão nos crimes violentos. Por seu turno, Douglas et al. (2006) no manual de classificação dos crimes referem os crimes de homicídio, agressão sexual e incêndio culposo como sendo comportamentos violentos interpessoais graves.

O crime violento tem sido uma preocupação crescente (Douglas et al., 2006; Fajnzylber et al, 2002) não só pelo seu impacto na qualidade de vida das pessoas, como também pelos seus efeitos económicos e na estabilidade/paz social. As estatísticas, apesar de oscilantes, indicam números preocupantes de criminalidade violenta. Por exemplo, os resultados do Nacional Crime Victimization Survey (NCVS) nos Estados Unidos, indica que a vitimação violenta entre 2015 e 2019 aumentou 27% (de 6.8 a 8.6 vitimação por 100.000 pessoas) e que em 2019 diminuiu 15% (7.3. por 1000 pessoas) (Morgan et al, 2020). No entanto, é de referir que não contempla o homicídio por se tratar de um inquérito de autorrelato, bem como não contempla vítimas com idade inferior a 12 anos, havendo um vasto leque de criminalidade violenta que fica excluído.

Na comunidade europeia, as estatísticas indicam em 2018 um total de 3993 homicídios intencionais e 583 000 agressões (Eurostat, 2019). No que diz respeito especificamente aos crimes sexuais, os dados da comissão europeia indicam que só em 2015 ocorreram 215 000 agressões sexuais graves, das quais 1/3 tratou-se de violação (Eurostat, 2017). Por seu turno, o continente americano e o continente africano são os que apresentam as mais elevadas taxas de criminalidade violenta (United Nations Office on Drug and Crime, UNODC, 2018), nomeadamente ao nível do homicídio - 15.9 por 100.000 habitantes no Continente Americano e 12.9 no continente Africano, comparativamente a 2.8 no continente Europeu.

Os valores da violência sexual, que incluem quer a violação como abuso de criança, são mais elevados ao nível mundial. Por exemplo, em Africa as taxas variam entre os 10.9 por 100.000 habitantes (Marrocos) e os 87.9 (Africa do Sul), no continente americano as taxas variam desde os 15.5 nas Honduras e os 191.2 na Costa Rica. Também no continente europeu as taxas são díspares, desde os 3.5 na Sérvia até aos 257.2. de casos de violência sexual por 100.000 habitantes no Reino Unido (UNODC, 2018). É de referir, no entanto, que estes valores discrepantes decorrem da variabilidade do que é considerado em cada país como crime, das distintas formas de medir as ofensas, bem como da variabilidade dos dados reportados. Assim, com os valores apresentados não se pretende fazer uma análise comparativa, o que é inviável pelas razões acima referenciadas, mas chamar a atenção para a expressão do fenómeno do crime violento ao nível mundial.

Face ao exposto, assume-se no presente trabalho a definição de crime violento que mais permite operacionalizar o fenómeno e que a maioria dos estudos tem adotado – um comportamento tipificado como crime pela lei penal e que envolva o uso intencional de

agressão física ou ameaça de agressão física com dano ou possibilidade de dano físico grave (Bureau of Justice Statistics, 2020; Reiss & Roth, 2003; Uniform Crime Reporting, 2010, 2019). Assim, integrar-se-ão nesta categoria do crime violento as situações de violência interpessoal consideradas mais graves, quer pela sua prevalência como pelo seu efeito nas vítimas - o homicídio ou tentativa de homicídio, a violência doméstica, as ofensas à integridade física graves e a violência sexual.

A criminalidade violenta – do predomínio masculino à crescente visibilidade do crime feminino

As taxas de crime e delinquência são amplamente superiores nos homens do que nas mulheres em todos os países, grupos étnicos ou culturais e faixas etárias (Cortoni & Fontaine, 2017; Janeksela, 1997; Walsh et al, 2020). Esta diferença aplica-se a todo o tipo de crime, exceptuando alguma criminalidade considerada tipicamente feminina – prostituição, infanticídio (Janeksela, 1997; Walsh et al., 2020). Assim, o género (masculino) é considerado o principal fator de risco para o comportamento criminal (Cortoni & Fontaine, 2017), principalmente o mais violento.

Várias estatísticas oficiais em diferentes países indicam que os crimes são maioritariamente perpetrados por homens e que, considerando especificamente a criminalidade feminina, os crimes mais comuns são os crimes contra a propriedade, tais como pequenos furtos, fraudes e falsificações, havendo um aumento nos crimes relacionados com tráfico de droga. Globalmente, as mulheres cometem menos crime, são menos propensas a perpetrar comportamentos violentos graves e não tendem a especializar-se num tipo específico de crime (Janeksela, 1997).

No que diz respeito à criminalidade violenta, esta tem sido associada principalmente ao sexo masculino. Neste âmbito, o *Crime Classification Manual* (Dougals et al., 2006) indica que 77.6% dos homicidas e 84.4 % dos incendiários são homens e, nos casos de violação, nenhuma mulher é referenciada. Os dados recentes do Bureau of Justice Statistics (Carson, 2018) indicam que as taxas de prisão são largamente superiores em todos os tipos de crime – a percentagem de homens presos por homicídio, roubo e agressão é 9 vezes superior ao número de mulheres (Unifor Crime Reports, 2018). Na verdade, quanto mais grave e violento é o crime, mais os homens surgem como os principais perpetradores (Campbell, 2009; Walsh et al, 2020).

Durante décadas houve uma grande resistência em reconhecer a possibilidade de as mulheres usarem o uso da força ou da agressão contra terceiros (McHugh et al., 2005; Richardson, 2005), muito decorrente da construção da mulher como “passiva” e “não agressiva” (Richardson, 2005). Por outro lado, ainda, as estatísticas que indicam que as taxas de vitimação são mais elevadas nas mulheres e os estudos que referem que estas estão em maior risco de vitimação, têm concorrido também para a ocultação da criminalidade feminina. No entanto, muitos estudos têm indicado que as mulheres não são necessariamente passivas e “não agressivas”, mas também podem ser perpetradoras e não apenas vítimas de agressão. Por exemplo, o estudo pioneiro de Richardson (2005), em laboratório, revelou que as mulheres reagem à provocação e que não são vítimas passivas de violência, participando ativamente em interações agressivas – aplicando-se no contexto de interações com estranhos quanto ao contexto mais específico da violência na intimidade – concluindo que as mulheres são tão capazes quanto os homens de se envolver em comportamentos provocatórios e violentos.

Assim, nos últimos anos tem-se assistido a um maior reconhecimento e interesse pela criminalidade feminina por parte da comunidade científica, apesar da conclusão consensual de que as mulheres cometem menos crimes do que os homens (Cortoni & Fontaine, 2017). No entanto, a investigação indica que as taxas de violência por parte das mulheres têm aumentado no presente século (Cortoni & Fontaine, 2017; van Wormer, 2010), havendo estudos que indicam que cerca de 10% dos crimes violentos são perpetrados por mulheres (Warner, 2012). Por exemplo, Cortini et al. (2016) indicam que no Canadá, as mulheres são responsáveis por cerca de 10% dos crimes sexuais. Está por esclarecer se, efetivamente, as mulheres cometem mais crimes ou se houve um aumento no número de detenções decorrente de transformações socioculturais e mudanças no sistema de justiça, embora os inquéritos de vitimação indiquem que as taxas referentes à vitimação perpetradas por mulheres são muito superiores aos registos oficiais de detenção (Cortoni & Fontaine, 2017).

Também os dados do Bureau of Justice Statistics (Carson, 2018) indicam que 7% de toda a população prisional são mulheres. Segundo o *Crime Classification Manual* (Dougals et al., 2006), de todos os presos por homicídio, 10.3% são mulheres. No entanto, a informação sobre as mulheres ofensoras é escassa, sendo essencialmente referenciadas no crime de incêndio culposos (usado como vingança contra um ex-companheiro ou outrem por quem se sentiram prejudicadas) e de envenenamento (33,2% são mulheres).

No entanto, é de realçar, uma vez mais, que se trata de dados oficiais, estimando-se que muitas mulheres ofensoras possam passar despercebidas ou impunes.

Outro resultado consensual da investigação é a menor taxa de reincidência criminal das mulheres, mas, uma vez mais, também a reincidência feminina não é de negligenciar. Por exemplo, Bonta et al. (2003 citados por Bonta et al., 2014) indicam uma taxa de reincidência criminal de 30% nas mulheres, encontrando também 7% de reincidência violenta nas mulheres. No que se refere aos crimes sexuais, Cortoni et al. (2010) indicam uma taxa de cerca de 1.5%.

Criminalidade feminina – teorias explicativas e investigação

No âmbito das teorias explicativas sobre a criminalidade feminina, identificam-se duas principais perspetivas – a *genderizada/feminista* que postula fatores específicos do género feminino e a *gender neutral*, que postula fatores criminógenos idênticos para homens e mulheres.

A perspetiva *genderizada* decorre das teorias feministas, especificamente a investigação das trajetórias femininas/*genderizadas*. Estas defendem que a criminalidade feminina decorre de questões de sobrevivência, estando associada a um conjunto de fatores que incluem experiências traumáticas precoces e problemas de saúde mental decorrentes de situações de pobreza e exclusão (Belknap, 2014; Jones et al., 2014).

Os investigadores e teóricos da área (Brennan et al., 2012; Daly, 1994) postulam que acontecimentos externos específicos (por exemplo, trauma, marginalização económica) geram reações internas (por exemplo, vício e problemas de saúde mental) que culminam, conjuntamente, em problemas externalizadores - prostituição, furto, agressão, roubo e uso de drogas – denominados de estratégias de sobrevivência criminais (Belknap, 2014).

Assim, as teorias feministas defendem que são os fatores sociais que contribuem para a opressão da mulher que estão na base das trajetórias para a criminalidade feminina, tais como a marginalização económica, pobreza, falta de acesso a recursos, falta de apoios financeiros e sociais. Relativamente aos fatores individuais, relacionados com experiências de trauma e vitimação na família de origem, referem que são relevantes para elucidar as trajetórias femininas para o crime (Daly, 1992 citado por Jones et al, 2014).

No âmbito das teorias feministas - que postulam que a criminalidade feminina resulta da resposta a situações abusivas no contexto familiar e de condições de vida adversas que levam à adoção de comportamentos criminais - várias investigações permitiram identificar diferentes trajetórias de vida que explicam o comportamento criminal das mulheres (Daly, 2004; Brennan et al., 2012). Nestas trajetórias é possível identificar as que apresentam mais fatores específicos de gênero e as que revelam fatores neutros, podendo haver sobreposição (Cortoni & Fontaine, 2017).

Neste contexto, Brennan et al. (2012) identificaram 4 trajetórias principais e os fatores criminógenos associados a essas trajetórias:

(i) A trajetória de consumos ou crimes contra a propriedade – trata-se dos casos das mulheres que cometem crimes limitados à adolescência, mas que acabam por ficar enredadas na criminalidade durante a idade adulta devido ao consumo de substâncias ou ao stress parental. Normalmente não têm um historial de problemas na infância, nem de abuso ou de problemas psicológicos. Apresentam menos fatores criminógenos e têm um menor risco de reincidência.

(ii) A trajetória da vitimação/mulher agredida – Mulheres com historial de vitimização física e sexual na infância e idade adulta, com problemas de dependência de substâncias, de habitação e vidas muito desorganizadas. Vivem em contextos de privação, onde a parentalidade é uma fonte de stress e as relações de conjugabilidade são conflituosas e violentas. Tendem a apresentar mais problemas de saúde mental, problemas de raiva, hostilidade e agressão.

(iii) A trajetória antissocial da marginalização e pobreza: Mulheres em situação de pobreza, socialmente marginalizadas, sem habilitações educacionais e problemas de acesso ao emprego. Há pouca evidência de vitimização sexual ou física ou de problemas de saúde mental. No entanto, são de origem ou residem em contextos de elevada criminalidade, com uma rede de relações com pessoas antissociais e envolvem-se em crimes relacionados com o tráfico de droga ou crimes contra a propriedade. Assim, apresentam como fatores criminógenos o vínculo a uma subcultura antissocial, a criminalidade familiar, residência em áreas de maior criminalidade e de tráfico de drogas frequente.

(iv) A trajetória agressiva e antissocial – mulheres com histórias de vitimização sexual e física ao longo da vida, institucionalizações durante a infância, pares antissociais,

personalidade hostil e antissocial, problemas de saúde mental e sem morada estável. Tendo sido gravemente vitimadas na infância, desenvolvem desde muito cedo personalidades hostis e antissociais associadas a problemas saúde mental, depressão e marginalização. Concomitantemente, apresentam défices educacionais, desemprego, pobreza e uma vida caótica. Esta trajetória inclui mulheres com problemas graves de saúde mental (tais como psicose, automutilação e tentativas de suicídio), sendo agressivas, violentas e desafiadoras.

No entanto, têm sido apontadas várias limitações a muitos estudos nesta linha de investigação feminista – o número reduzido de mulheres ofensoras e, maioritariamente, que perpetraram crimes não violentos ou contra a propriedade, bem como a ausência de um grupo de comparação masculino para que se possa concluir a especificidade das trajetórias femininas (Jones et al., 2014).

Face a estas limitações, surgiu um vasto leque de investigação que se tem focado na comparação entre homens e mulheres e em procurar explicar porque é que as mulheres são menos propensas a praticar crimes do que os homens (Curran & Ranzetti, 2001; Walsh et al., 2020).

Neste âmbito, os estudos têm indicado que as mulheres ofensoras partilham das mesmas características socioeconómicas e estruturais dos homens ofensores (Walsh et al., 2020) - baixo estatuto socioeconómico, baixa escolaridade, desemprego, grupos minoritários – e que estão expostas a condições de desenvolvimento similares (Bennet et al., 2005). Também no que diz respeito às características individuais, os preditores identificados na população masculina também se verificam nas mulheres - baixo autocontrolo, perturbação de conduta, défices de atenção e hiperatividade. No entanto, as mulheres apresentam menos estas características, sendo menos afetadas (Moffitt et al., 2001; Walsh et al., 2020). Também o estudo desenvolvido por Jones et al. (2014) que comparou jovens raparigas e rapazes ofensores, indica que as trajetórias femininas e as identificadas na criminalidade em geral não são mutuamente exclusivas - quase metade das jovens não apresenta uma trajetória específica de género, revelando características associadas a uma trajetória antissocial e neutras em termos de género.

No que diz respeito às perspetivas neutras em termos de género destaca-se a teoria da aprendizagem social cognitiva (McGuire, 2004) e, especificamente, o modelo geral da personalidade e da aprendizagem social cognitiva (Andrews & Bonta, 2010), sendo umas das teorias mais influentes na compreensão do comportamento criminal.

Contrariamente às teorias feministas, este modelo destaca os pensamentos, sentimentos e atitudes individuais do ofensor, bem como a interação destes com seu contexto. A aprendizagem ocorre num contexto social, desde membros da família, amigos e interações com o mundo social mais amplo, incorporando também o aspecto cognitivo da aprendizagem, no qual os próprios pensamentos e avaliação das situações influenciam a aprendizagem e os comportamentos. (Andrews & Bonta, 2010; McGuire, 2004)

Neste enquadramento, destaca-se o modelo Geral da Personalidade e Aprendizagem Social Cognitiva (GPCSL) para explicar o comportamento criminal (Andrews & Bonta, 2010; Andrews et al., 1990). Segundo este modelo, o comportamento criminal varia em função da avaliação que o sujeito faz das recompensas e custos que podem potenciar ou não o comportamento criminal. Por seu turno, esta avaliação é influenciada por fatores interpessoais (família, escola, vínculos de trabalho, modelagem de comportamentos criminais por pares delinquentes ou membros da família) e as atitudes, sentimentos e crenças em relação aos comportamentos antissociais. Neste modelo, as influências sociais e culturais mais amplas, bem como os fatores de género, idade, etnia e classe social, são considerados secundários (Andrews & Bonta, 2010).

Assim, as pessoas envolvem-se no comportamento criminal pela conjugação de vários fatores que incluem as características da situação (e.g., acesso da vítima), os estados emocionais (e.g., raiva), atitudes, valores e personalidade do indivíduo (atitudes antissociais) e o reforço social ao comportamento criminal. O envolvimento no comportamento criminal variará em função do modo como o sujeito avalia cognitivamente a situação e a sua autorregulação (Andrews & Bonta, 2010).

Andrews & Bonta (2010) referem que a avaliação ou interpretação da situação e os esforços subsequentes de autorregulação são influenciados por 8 fatores específicos que constituem o padrão da personalidade criminal – os 8 fatores de risco criminal, subdivididos em quatro grandes (*big four*) e em 4 moderados. Os “quatro grandes” integram as cognição/atitudes antissociais, os pares antissociais, padrão de personalidade antissocial e história de comportamento antissocial; e os “quatro moderados” integram o abuso de substâncias, recompensas pró-criminais, insatisfação nas relações familiares/conjugais, escola e trabalho e lazer (Rettinger & Andrews, 2010). Bonta, Blais & Wilson (2014) numa meta-análise, encontraram evidências da validade preditiva desses oito fatores para a reincidência geral e violenta em ofensores adultos e jovens, quer do sexo masculino como feminino.

Assim, o modelo Geral da Personalidade e da Aprendizagem Social Cognitiva adota uma abordagem neutra em termos de gênero, indicando que os fatores subjacentes ao crime são os mesmos quer para os homens como para as mulheres (Andrews & Bonta, 2010). Os defensores da abordagem gender neutral argumentam que há evidência empírica para estes fatores (Bonta et al, 1998; Dowden & Andrews, 1999; Gendreau et al., 1996) e que são igualmente preditivos para as mulheres ofensoras. Além disto, estes fatores representam necessidades criminógenas relevantes para ambos os sexos, devendo ser alvo de avaliação e orientar a intervenção (modelo do Risco-necessidade-responsividade).

Criminalidade feminina violenta – características psicológicas das mulheres ofensoras

A investigação indica que as mulheres ofensoras constituem um grupo heterogêneo, apresentando diferentes padrões motivacionais e ofensivos, bem como diferem ao nível dos fatores envolvidos na prática de crime (Cortoni & Fontaine, 2017). Como se verificou, a literatura distingue entre fatores específicos do gênero feminino e fatores neutros, transversais a todo o tipo de ofensores, sejam homens ou mulheres (Cortoni & Fontaine, 2017). Alguns autores (e.g., Brennan et al, 2012; Jones et al., 2014) indicam que há mulheres que apresentam conjuntamente fatores específicos de gênero e fatores neutros, enquanto outras só apresentam fatores específicos de gênero.

No que diz respeito ao crime violento, alguns autores defendem a ideia de que as mulheres que se envolvem na prática de crimes violentos serão mais atípicas em termos de gênero do que os homens ofensores (Walsh et al., 2020). Segundo Walsh et al. (2020), as mulheres tendem a ser mais conformistas do que os homens e para que ultrapassem o limite da conformidade, é necessário um maior número ou gravidade dos fatores de risco associados ao comportamento criminal para que assumam comportamentos antissociais - “hipótese dos múltiplos limiares” (Carter, 1970 citado por Walsh et al., 2020).

Ou seja, embora o perfil sociodemográfico das ofensoras seja similar ao dos homens ofensores, vários estudos indicam que as mulheres que se tornam criminosas estiveram expostas a mais fatores contextuais negativos com maior frequência e/ou intensidade do que os homens ofensores. Estas mulheres sofreram mais abusos físicos, sexuais e psicológicos, mais negligência parental e consumo parental de substâncias, mais

desestruturação familiar e pobreza, o que indica que têm um limiar mais elevado contra o comportamento antissocial do que os homens (Walsh et al., 2020). Assim, as mulheres são mais resistentes às influências ambientais crimínógenas, o que é corroborado por vários estudos que indicam que as mulheres reclusas apresentam um historial de abusos físico e sexual três a quatro vezes superior às taxas nacionais (Van Voorhis et al., 2003; Walsh et al., 2020).

No entanto, no que diz respeito ao perfil psicológico das mulheres envolvidas em crimes violentos, a literatura e a investigação é inconsistente. Encontram-se maioritariamente estudos focados nos problemas de saúde mental e nas perturbações de personalidade. Ao nível da saúde mental, identificam-se problemas como a depressão, raiva, ansiedade ou agressividade, decorrentes da sua história de vitimação e de adversidade (Maschi et al., 2008). No que diz respeito às perturbações de personalidade, têm sido associadas aos crimes graves (Walter et al., 2011; Warren & Burnette, 2012), procurando-se identificar e analisar diferenças de género. Uma das diferenças mais destacadas tem sido o facto de os homens serem mais propensos a ser diagnosticados com perturbação de personalidade antissocial e as mulheres diagnosticadas com perturbação de personalidade estado limite. (Byrne & Howells, 2002). Alguns autores defendem que estas duas perturbações podem ser diferentes expressões de género da mesma (Beauchaine et al., 2009) ou, mesmo, exemplificar um constructo de psicopatia de género (Warren et al., 2003). A psicopatia, que tem sido um preditor robusto de violência em homens (e.g., Hare, 2003), no caso das mulheres isto não se verifica. Assim, a investigação sugere que possa existir uma expressão de género distinta da psicopatia feminina (Forouzan & Cooke, 2005), assim como a necessidade de desenvolver formas mais adequadas para avaliar a psicopatia nas mulheres (Weizmann-Henelius et al., 2010).

Independentemente das diferenças de género, a psicopatia tem sido associada à prática de violência instrumental (McDermott, et al., 2008), caracterizada como uma forma cruel da violência, sendo utilizada para atingir um objetivo (por exemplo, dinheiro, gratificação sexual) além dos sentimentos de vingança ou raiva. Contrariamente, a violência reativa é orientada emocionalmente, cujo objetivo é infligir dano a alguém com o intuito de retribuir um dano/prejuízo percebido. Assim, esta dicotomia pode ajudar a compreender as motivações subjacentes aos crimes violentos (Fontaine, 2007).

Além disto, há ainda alguns estudos sobre algumas dimensões da personalidade, tal como ausência de autocontrolo/ausência de planeamento e a emocionalidade negativa

(Moffitt et al., 2001), mas focados na análise comparativa entre homens e mulheres. Por exemplo, o estudo de Moffitt et al. (2001) indicam que homens e mulheres diferem nestas dimensões, referindo que os rapazes apresentam níveis mais baixos de controlo emocional e níveis mais altos de emoções negativas comparativamente às raparigas.

Assim, globalmente, no que diz respeito ao perfil ou caracterização psicológica das mulheres ofensoras, principalmente as violentas, os estudos centram-se na sua comparação com os homens ofensores, perdendo-se a caracterização específica destas mulheres. Uma das desvantagens destes estudos comparativos de género é o conhecimento centrado no masculino, procedendo a uma leitura da criminalidade feminina sob as lentes da criminalidade masculina.

Deste modo, não há um conhecimento concreto e sistematizado sobre o perfil ou caracterização psicológica destas mulheres especificamente, sendo difícil compreender as suas características nas publicações focadas nas diferenças de género - analisadas à luz da criminalidade e características masculinas. Por outro lado, verifica-se uma grande heterogeneidade na descrição, na análise e nas explicações da criminalidade feminina, o que dificulta um conhecimento mais preciso das características psicológicas das mulheres que praticaram crime violento.

Neste contexto, procurando colmatar esta lacuna, identifica-se a necessidade de realizar uma revisão sistemática sobre a caracterização psicológica das mulheres que praticaram crimes violentos. Além disto, a revisão sistemática focada nesta temática poderá contribuir com orientações ao nível da prevenção e intervenção. Considerando que as características pessoais, tais como as atitudes, valores, crenças, racionalizações e pensamentos favoráveis ao crime, os estados cognitivo-emocionais da raiva, irritabilidade, ressentimento, etc. (atitudes pró-criminais, tal como indicado por Andrews & Bonta, 2010), bem como o padrão de personalidade antissocial (impulsividade, agressividade, insensibilidade face aos outros) são considerados fatores de risco centrais (necessidades criminógenas) sobre os quais é preciso intervir (Andrews & Bonta, 2010). Uma revisão precisa e cuidadosa sobre estas (e outras) características na criminalidade feminina torna-se crucial.

Objetivo

Pretende-se obter uma descrição detalhada da literatura e dos estudos sobre a caracterização psicológica das mulheres que praticam crimes violentos.

Assim, coloca-se como questão de investigação: O que é que a investigação e a literatura indicam sobre as características psicológicas/perfil psicológico das mulheres que praticam crimes violentos?

Método

Protocolo

Desenvolveu-se um protocolo específico, seguindo as guidelines do PRISMA-P (Moher et al, 2015; Shamseer et al, 2015), descrito ao longo da explanação do método.

Critérios de elegibilidade (Participantes-Intervenções-Comparação-Outcomes-Studies - PICOS)

P - Tipo de Participantes: mulheres que praticaram algum tipo de crime violento (e.g. homicídio, violência sexual, violência conjugal, maus tratos infantis)

I – Tipo de Intervenções: Dada a questão de investigação, não se aplica a componente interventiva.

C – Comparação - Dada a questão de investigação, não se aplica a componente comparativa.

O – *Outcomes* (Resultados) – Características ou variáveis psicológicas (personalidade, saúde mental, padrões de funcionamento, etc) identificadas em mulheres que praticaram crimes violentos ou que sejam descritas como estando associadas à prática de crime violento nas mulheres.

S - *Studies* (Tipo de estudos) - Estudos quantitativos, estudos qualitativos e outras publicações de natureza científica (revisões sistemáticas, meta-análises) que procurem caracterizar especificamente o funcionamento e as características psicológicas das mulheres que praticaram algum tipo de crime violento.

Em síntese, seguiram-se os seguintes critérios de inclusão e exclusão:

Critérios de inclusão

- a) Estudos com mulheres adultas que praticaram algum tipo de crime violento que caracterizem ou identifiquem especificamente características/variáveis psicológicas, incluindo a saúde mental, associadas à prática do crime.
- b) Estudos empíricos (quantitativos e/ou qualitativos), revisões sistemáticas e/ou meta-análises.
- c) Publicações entre 1990-2021, dado que na década de 90 se assistiu ao crescente interesse pela criminalidade feminina.
- d) Publicações disponíveis na web, dado que atualmente todas as publicações têm algum tipo de registo digital.
- e) Publicações com idioma Inglês, Português e Castelhana, no sentido de reduzir o viés da pesquisa.

Critérios de exclusão:

- a) Publicações em outras línguas que não o inglês, português ou castelhano.
- b) Publicações sobre o funcionamento ou caracterização psicológica ou a saúde mental de mulheres que praticaram crimes, mas que não discriminem a sua associação à perpetração de crimes violentos.
- c) Trabalhos com mulheres ofensoras ou reclusas que não diferenciem ou analisem separadamente mulheres que praticaram crimes violentos.
- d) Estudos com mulheres que incluam homens, mas que não analisem separadamente as mulheres.
- e) Publicações com mulheres que já tenham sido alvo de algum tipo de intervenção psicológica.
- f) Publicações com jovens delinquentes, isto é, com idade inferior a 18 anos
- g) Publicações não científicas (e.g., informação de sites, notícias)

Fontes de informação

Esta pesquisa foi aplicada às seguintes bases de dados eletrônicas:

- b-On (Biblioteca do conhecimento *online*)
- EBSCO (Psy and Behav Sciences and PsycInfo)
- Pub-Med
- Web of science
- Scielo (*Scientific Electronic Library Online*)
- Capes
- DOAJ

A pesquisa foi realizada entre 01 de Outubro e 30 de Novembro de 2020.

Pesquisa

Foram utilizados os seguintes termos de pesquisa na *B-on*, *Ebsco*, *Web of Science* and *Scielo*, selecionando-se a opção de busca no *abstract* para limitar o foco de cada publicação, bem como o limitador “analisado por pares” para obter publicações com maior rigor científico.

1. *women offenders OR female offenders OR women inmates*
2. *AND (Violent crime OR violent offense)*

Na Capes foi utilizada a mesma combinação de termos de pesquisa mas, dada a ausência de publicações, utilizaram-se os seguintes termos:

1. *Female violent offenders OR women violent offenders.*

Na DOAJ, dada a ausência de resultados, utilizaram-se os seguintes termos:

1. *Female offenders OR women offenders*

Também na Capes e na DOAJ foram usados como limitadores a opção de busca no “assunto” e publicações analisadas por pares.

Por fim, na *Pub-Med* foi usada a primeira combinação, mas dado o número elevado de publicações, adaptaram-se os termos para limitar a pesquisa:

1. *female violent offenders OR women violent crime OR female violent crime OR women violent offenders*
2. *AND mental health OR psychological characteristics OR psychological pattern OR psychological functioning crime OR violent offense*

De modo a validar o processo da revisão sistemática, a mesma estratégia de pesquisa foi replicada por um par, obtendo os mesmos resultados. No final da revisão, a pesquisa foi atualizada, não se identificando alterações.

Seleção das publicações

A seleção das publicações foi realizada de forma independente e “cega” por dois investigadores, desde a primeira triagem até à fase da análise da elegibilidade para a inclusão das publicações contempladas na presente revisão sistemática. Especificamente, todo o processo foi realizado numa primeira fase pelo investigador responsável. Após a sua conclusão, os critérios de pesquisa e os critérios de elegibilidade foram indicados a um segundo investigador, de forma a realizar o processo de seleção aplicando os mesmos critérios. Os desentendimentos entre os investigadores foram resolvidos por um terceiro investigador independente.

Procedimento de recolha de dados

Utilizando os critérios de elegibilidade – critérios de inclusão e de exclusão - o procedimento de recolha de dados consistiu em cinco etapas (cf. Figura 1 - Fluxograma).

- **Etapa 1** - Numa primeira etapa, identificaram-se 1446 publicações. Identificaram-se 670 duplicados, pelo que foram removidos (ficaram 772 publicações).
- **Etapa 2** - Procedeu-se à triagem das 772 publicações pelo título, tendo-se excluído 403 publicações (ficaram 369 publicações).
- **Etapa 3** - Seguidamente, procedeu-se à triagem pela leitura do *abstract*, tendo-se excluído 281 publicações (ficaram 88 publicações) por não integrarem os critérios de elegibilidade. Especificamente:

- 32 focadas nas questões do controlo social e em variáveis contextuais/situacionais
 - 43 sobre a prevalências e tipos de crime
 - 18 sobre a caracterização sociodemográfica e/ou familiar e criminal
 - 21 focadas na vitimação das mulheres que cometeram crime
 - 14 analisavam a percepção sobre a criminalidade feminina
 - 12 como foco no diagnóstico e/ou na doença mental sem identificar ou discriminar as mulheres que praticaram crimes violentos
 - 8 analisavam os motivos e/ou contextos do crime/violência
 - 23 com foco nos instrumentos de avaliação do risco de reincidência
 - 11 sobre os substratos biológicos ou neuronais da violência/agressão das mulheres
 - 9 sobre a decisão judicial e as penas atribuídas na criminalidade feminina
 - 22 centradas nas teorias explicativas da criminalidade feminina e/ou nas suas tipologias, sem referência à caracterização psicológica
 - 21 sobre a reincidência criminal, sem focarem fatores de risco ou questões de natureza psicológica
 - 8 sobre a caracterização ou identificação de trajetórias criminais, sem foco nos crimes violentos e/ou na caracterização psicológica
 - 19 sobre o impacto da prisão e/ou o comportamento/adaptação na prisão
 - 17 com foco na intervenção ou abordarem a caracterização psicológica após a intervenção
 - 3 publicações sobre a legitimação da violência por parte das mulheres
- **Etapa 4** – Procedeu-se à leitura integral das 88 publicações, considerando a análise cuidadosa dos critérios de elegibilidade. Foram excluídas 59 publicações, por não cumprirem os critérios de inclusão. Especificamente:
- 16 publicações com mulheres jovens, isto é, com idade inferior a 18 anos
 - 9 não analisam as mulheres separadamente
 - 4 por não se tratar de estudos empíricos, mas análises/discussões teóricas
 - 11 não focam a caracterização psicológica, mas outros aspetos – consumo de álcool, vitimação, número de hospitalizações, trauma
 - 19 não analisam separadamente as características psicológicas das mulheres que praticaram crimes violentos

- 1 Inclui mulheres que praticaram crimes violentos em tratamento
 - 1 não discrimina as mulheres que praticaram crimes violentos
- **Etapa 5** - Após a leitura da totalidade dos artigos, incluíram-se os 27 artigos que integram a presente revisão sistemática.

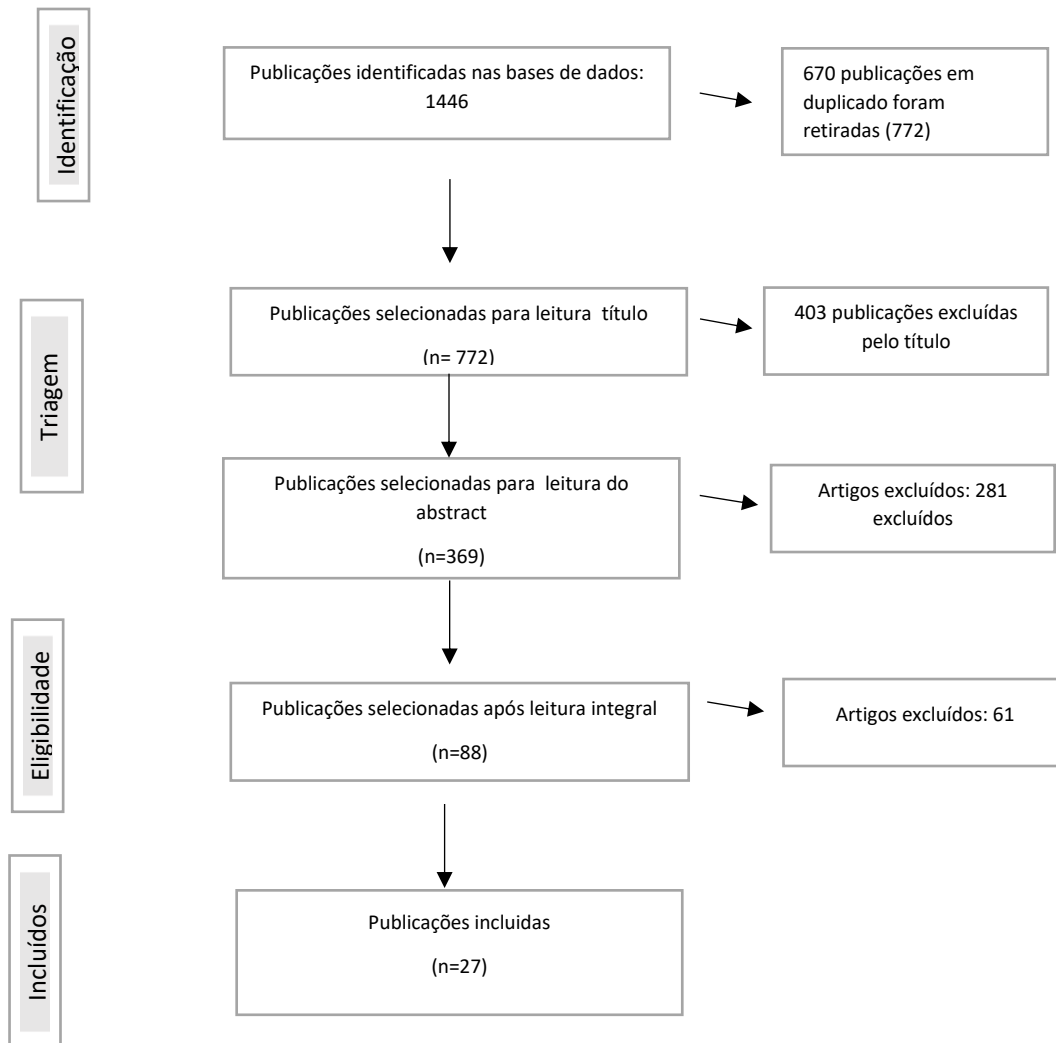


Figura 1. Flowchart do processo da revisão sistemática

Resultados

Após a análise dos critérios de elegibilidade, como indicado no processo de recolha de dados, 27 publicações integram esta revisão sistemática, descritas individualmente no quadro 1, em conformidade com o PICOS (cf. Quadro 1). Assim, procede-se a uma descrição global e integradora das publicações.

1. Tipo de publicação, ano e país das publicações

No que se refere ao tipo de publicação, verifica-se que os estudos são na maioria quantitativos (n=26), havendo apenas um estudo qualitativo (n=1). Em termos de anos de publicação, é possível constatar que, apesar da publicação mais antiga ser de 1995 (Eronen, 1995), verifica-se que o interesse pela descrição das características das mulheres que praticam crimes violentas surgiu principalmente a partir do ano 2000, tendendo a crescer na última década.

Outro dado pertinente, prende-se com o facto de mais de metade dos estudos serem desenvolvidos em países Europeus (15 estudos), principalmente nos países do Norte da Europa: 10 estudos na Finlândia (Eronen, 1995; Karlsson et al., 2016; Putkonen et al., 2003; Weizmann-Henelius et al., 2002a; Weizmann-Henelius et al., 2002b; Weizmann-Henelius et al., 2004; Weizmann-Henelius et al., 2006; Weizmann-Henelius, et al., 2015) de entre os quais um compara criminosas violentas da Finlândia e da Áustria (Putkonen et al., 2010) e outro é o único estudo qualitativo (Venalaine, 2017) incluído nesta revisão; 1 estudo na Suécia (Fazel et al., 2008); 1 estudo na Alemanha (Hornsveld et al., 2016); 1 estudo no Norte de Inglaterra (McKeown & Thomson, 2019); e 1 estudo na Escócia (Mahoney, 2012). De referir, ainda, um estudo desenvolvido no sul da Europa, a Itália (Carabellese et al., 2019).

O segundo país com mais publicações, fora da Europa, é o Estados Unidos, com 7 publicações (Kenna & Burnstein, 2005; Poteyveva & Leigev, 2018; Shahbahrani & Dokanehifgard, 2019; Thomson, 2017; Verona & Carbonell, 2000; Warren et al., 2002; Warren & South, 2009). Nas outras regiões do globo, os estudos são mais escassos: 2 na Austrália (Bennett et al., 2012; Hachtel et al., 2018), 1 na África do Sul (Nagdee et al., 2019), 1 em Trinidad, Caraíbas (Ramountar & Farrington, 2014) e 1 na Costa Rica (Valverde & Ramírez, 2006).

2. Design dos estudos e características das amostras

No que diz respeito ao design dos estudos, a maioria adota um *design* transversal e retrospectivo na recolha de indicadores psicológicos ou da saúde mental das mulheres que cometeram algum tipo de crime violento, mas recorrendo a grupos comparativos (n= 16). Os restantes dez estudos, não recorrem a grupos de controlo comparativos: 9 utilizam também um design transversal, havendo apenas 1 que utiliza um design prospetivo longitudinal (Weizmann-Henelius, et al., 2015).

2.1. Estudos que utilizam grupos de comparação

- Amostras exclusivamente compostas por mulheres

Seis estudos utilizam apenas amostras de mulheres: 5 comparam as mulheres que praticaram algum tipo de crime violento com mulheres que praticaram crimes não violentos (Kenna & Burstein, 2005; Putkonen et al., 2003; Valverde & Ramírez, 2006; Weizmann-Henelius et al., 2004; Weizmann-Henelius et al., 2006), havendo um estudo que compara as mulheres homicidas com a população geral feminina (Eronen, 1995). Centram-se nas perturbações mentais (Eronen, 1995), principalmente perturbações de personalidade (Valverde & Ramírez, 2006; Putkonen et al., 2003; Weizmann-Henelius et al., 2004; Weizmann-Henelius et al., 2006) ou características de personalidade (Kenna & Burstein, 2005).

- Amostras de homens e mulheres

Há 5 estudos que comparam amostras de mulheres com crimes violentos ou algum tipo de crime violento com uma amostra de homens que praticaram os crimes similares (Hachtel et al., 2018; Hornsveld et al., 2016; Putkonen et al., 2010; Ramountar & Farrington, 2014; Shahbahrami & Dokanehifard, 2019).

Procuram essencialmente comparar homens e mulheres ao nível de características de personalidade (Hornsveld et al., 2016; Shahbahrami & Dokanehifard, 2019) mas também estilo de pensamento criminal (Shahbahrami & Dokanehifard, 2019) problemas

comportamentais (Hornsveld et al., 2016), e problemas de saúde mental ou diagnósticos psiquiátricos (Hachtel et al., 2018; Putkonen et al., 2010).

Há um estudo que compara os fatores de risco para a prevalência e frequência de crimes violentos e crimes contra a propriedade entre homens e mulheres, tendo por base a teoria da aprendizagem social, a teoria da rotulagem e a teoria da personalidade (Ramountar & Farrington, 2014)

- Estudos que comparam 3 amostras

Identificam-se ainda 5 estudos que usam mais do que um grupo de comparação. Três deles usam amostras femininas (Fazel et al., 2008; Thomson, 2017; Verona & Carbonell, 2000). O estudo de Fazel et al. (2008) compara as mulheres que praticaram crimes sexuais com uma amostra randomizada da população geral e uma amostra randomizada de mulheres que praticaram outros tipos de crimes violentos. Thomson (2017) foca crimes violentos relacionados com drogas, comparando mulheres condenadas por crimes relacionados com droga com mulheres condenadas por crimes violentos não relacionados com drogas e com mulheres condenadas por crimes não violentos. Por seu turno, Verona e Carbonell (2000) procuram analisar o constructo da hostilidade na explicação do crime violento, comparando mulheres reclusas classificadas como não violentas, violentas primárias e violentas reincidentes.

Por fim, destacam-se ainda dois estudos que incluem amostras quer de homens como de mulheres (Bennett et al., 2012; Poteyeva & Leigey, 2018). O estudo de Poteyeva e Leigey (2018) foca o filicídio e compara uma amostra de mulheres filicidas com uma amostra de homens filicidas e com uma amostra de mulheres que praticou outro tipo de crime violento. Por seu turno, Bennett et al. (2012) compara mulheres homicidas com 2 grupos seleccionados da base de dados prisional - homens homicidas e mulheres que praticaram outro tipo de crime.

É de referir que, de entre estes, apenas dois estudos utilizam um design com grupos de controlo com amostras randomizadas (Bennett et al., 2012; Fazel et al., 2008). O estudo de Fazel et al. (2008) compara uma amostra de mulheres condenadas por crimes sexuais (n=93) com uma amostra randomizada da população geral (n=20, 597) e com uma amostra randomizada de mulheres que cometeram outros tipos de crime violentos (n=422). Por seu turno, o estudo de Bennet et al. (2012) compara 55 mulheres homicidas

com 2 grupos controlo seleccionados da base de dados prisional – homens homicidas e mulheres que praticaram outro tipo de crime.

2.2. Estudos sem grupo de controlo comparativo

Identificam-se 10 estudos que utilizam exclusivamente amostras de mulheres violentas, 4 deles procuram identificar características psicológicas associadas à prática de crime, nomeadamente perturbações de personalidade (Nagdee et al., 2019; Warren & South, 2009), indicadores de psicopatia e capacidade cognitiva (McKeown & Thomson, 2019) e, ainda, características de personalidade, atribuição da culpa e os sentimentos de culpa (Weizmann-Henelius et al., 2002^a).

Por fim, são de destacar 5 estudos que, ainda que usem exclusivamente amostras de mulheres que praticaram algum tipo de crime violento, comparam subgrupos no sentido de identificar diferenças entre as ofensoras. Entre estes há 3 estudos que consideram dois subgrupos, especificamente: Mahoney (2012) compara ofensoras primárias e ofensoras reincidentes; Karlsson et al. (2016) compara ofensoras violentas em função da diversidade criminal e frequência das ofensas; e Weizmann-Henelius, et al. (2015) compara mulheres que praticaram crimes violentos, reincidentes nos crimes violentos e reincidentes em crimes não violentos, sendo o único estudo prospetivo de follow-up.

Por fim, há dois estudos que constituem 3 subgrupos (Carabellese et al., 2019; Weizmann-Henelius et al., 2002b). Carabellese et al. (2019), procurando analisar os traços de psicopatia nas mulheres homicidas, compara 30 mulheres que apresentavam doença mental na altura do crime e foram consideradas não responsáveis por insanidade, 11 mulheres que apresentavam doença mental na altura do crime e foram consideradas parcialmente responsáveis e 10 mulheres consideradas criminalmente responsáveis.

Weizmann-Henelius et al. (2002b), partindo da análise da relação entre as agressoras violentas e as suas vítimas, constituíram três grupos de agressoras – as que vitimaram alguém muito próximo, as que vitimaram um conhecido e as que vitimaram um estranho – no sentido de identificar diferenças nos motivos para o crime e ao nível de fatores psicológicos específicos.

2.3. O estudo qualitativo

O único estudo qualitativo (Venalaine, 2017) foi desenvolvido na Finlândia e estuda exclusivamente 20 reclusas condenadas por crimes violentos, procurando explorar os significados que estas mulheres atribuem à sua violência e a si próprias.

3. Contexto de recrutamento e processo de amostragem

Quanto ao contexto de recrutamento, quase todos os estudos recolheram as amostras no contexto prisional, havendo dois que recolheu em unidades de avaliação forense (Eronen, 1995; Nagdee et al., 2019). Utilizam amostras de conveniência (mulheres que praticaram crimes violentos ou um determinado tipo de crime violento) mas outros recorreram ainda, para a constituição dos grupos comparativos, a amostras randomizadas (Bennett et al., 2012; Fazel et al., 2008).

4. Instrumentos

Identificam-se estudos que recorrem apenas a dados do sistema prisional e registos médicos (Bennett et al., 2012, Hachtel et al., 2018, Mahoney, 2012; Putkonen et al., 2003; Putkonen et al., 2010), havendo um estudo que recorre, além destes, a dados de caracterização da população em geral (Fazel et al., 2008). Identificam-se também dois estudos que recorrem exclusivamente a dados das Unidades psiquiátricas forenses (Eronen, 1995; Nagdee et al., 2019).

No entanto, a maioria dos estudos tende a usar vários instrumentos associados aos dados do sistema prisional e aos registos médicos, nomeadamente medidas de autorrelato (Kenna & Burstein, 2005; Poteyeva & Leigey, 2018; Shahbahrani & Dokanehifard, 2019; Valverde & Ramírez, 2006; Verona & Carbonell, 2000).

As medidas de autorrelato são várias, procurando essencialmente analisar aspetos da personalidade. Para a avaliação da personalidade destacam-se o *Multidimensional Personality Questionnaire* (MPQ) (Kenna & Burstein, 2005), o MMPI (Verona & Carbonell, 2000; Valverde & Ramírez, 2006) e o *Millon Clinical Multi-axial Inventory* MCMI-III (Shahbahrani & Dokanehifard, 2019).

São também usados outros instrumentos mais específicos para avaliar outras dimensões, o *Criminal Thinking Styles Questionnaire* para avaliar o estilo de pensamento criminal (Shahbahrani & Dokanehifard, 2019), o *Anger Expression Scale* de Spielbertg

para avaliar aspetos relacionados com a hostilidade e agressividade (Verona & Carbonell, 2000), o *Brief Symptom Inventory*, *Barrat Impulsivity Scale* e *Prison Adjustment Questionnaire* (Warren et al., 2002), o *Blame Attribution Inventory* (BAI) e o *Defense Style Questionnaire* - DSQ (Weizmann-Henelius et al., 2002^a).

Outros estudos recorrem ainda a provas específicas, como a WAIS ou escalas de WAIS para avaliação da inteligência (Karlsson et al., 2016; McKeown & Thomson, 2019; Weizmann-Henelius et al., 2004) e Wisconsin Card Sorting Test para avaliar o funcionamento executivo (Karlsson et al., 2016).

Além destes, identificam-se estudos que, além dos dados do sistema prisional, registos médicos e dos instrumentos de autorrelato, adicionam a administração de entrevistas clínicas para avaliar perturbações da personalidade e a PCL-R para avaliar a psicopatia (Carabellese et al., 2019; Karlsson et al., 2016 ; McKeown & Thomson, 2019; Thomson, 2017; Weizmann-Henelius et al., 2004; Weizmann-Henelius, et al., 2015). A entrevista clínica mais utilizada é a Structured Clinical Interview II (Karlsson et al., 2016; Warren & South, 2009; Warren et al., 2002; Weizmann-Henelius et al., 2002b).

Por fim, o estudo qualitativo, recorre a uma entrevista semiestruturada construída para o estudo (Venalaine, 2017).

5. Indicadores para a caracterização psicológica das mulheres que praticaram crimes violentos

No que diz respeito à caracterização das mulheres ofensoras violentas, quando comparadas com mulheres ofensoras não violentas, a maioria dos estudos indica que as perturbações de personalidade antissocial e a psicopatia não são fatores determinantes para a prática de crime violento (Warren et al., 2009) e, até, para o não violento (Valverde & Ramirez, 2006).

No entanto, há patologias mais severas, principalmente a psicose, que são consideradas um fator de risco para o crime violento, incluindo o homicídio (Bennett et al., 2012; Nagdee et al., 2019), mas não para os crimes sexuais (Fazel et al., 2008). No que se refere especificamente ao crime de homicídio, o estudo de Warren et al. (2009) indica que a personalidade narcísica por si só ou em combinação com outras perturbações de personalidade (antissocial, paranoide) é a que mais se destaca como estando associada ao homicídio perpetrado pelas mulheres.

Quando o foco é a reincidência violenta, os estudos indicam que o risco de reincidência é elevado, independentemente do tipo específico de crime violento, salientando que é a perturbação de personalidade antissocial que mais se associa à reincidência violenta. No entanto, esta não trata de uma característica distintiva da reincidência feminina, sendo similar nos homens violentos (Putkonen et al., 2003).

Outros estudos vêm reforçar esta componente antissocial na reincidência, indicando que a impulsividade e o comportamento antissocial anterior são indicadores de reincidência violenta feminina (Weizmann-Henelius, et al., 2015). Mahoney (2012) indica também que as mulheres violentas reincidentes apresentam mais evidência de psicopatologia.

Quanto aos estudos que procuram proceder à comparação entre as mulheres e os homens violentos, os estudos não são consensuais, mesmo nos casos de tipos específicos de crime violento.

Nos estudos sobre filicídio, o estudo de Putkonen et al (2010) indica que apesar de algumas diferenças de género entre os filicidas, essas não são tão consideráveis, concluindo que os homens filicidas se distinguem mais dos outros homens homicidas do que as mulheres das outras ofensoras homicidas. Contrariamente, o estudo de Poteyeva & Leigey (2018) indica que as mulheres apresentam mais problemas ao nível da saúde mental e que as mulheres filicidas apresentam mais similaridades com as mulheres não filicidas do que com os homens filicidas.

Outros estudos indicam que as mulheres e homens violentos não diferem ao nível do estilo de pensamento criminal (Shahbahrani & Dokanehifard, 2019), perturbações psiquiátricas (Hornsveld et al., 2016; Shahbahrani & Dokanehifard, 2019) e características de personalidade (Hornsveld et al., 2016; Ramountar & Farrington, 2014). Remetem apenas para a maior instabilidade emocional das mulheres, principalmente sentimentos de raiva e neuroticismo (Hornsveld et al., 2016). Por exemplo, Ramountar & Farrington (2014) indicam que a variável de personalidade mais importante é a impulsividade, estando relacionada quer com a participação e frequência dos crimes violentos como dos crimes contra propriedade – senso similar nos homens e nas mulheres.

Contrariamente, no caso do homicídio, o estudo de Hatchel et al. (2018) indica que as mulheres tendem a manifestar maiores níveis de psicose e mais problemas de saúde mental do que os homens homicidas.

Quando os estudos têm apenas amostras de ofensoras violentas, identificam características relacionadas com a saúde mental e com as características psicológicas mais consensuais.

Tendem a ser consensuais quanto ao papel de algumas características psicopáticas antissociais (Carabelles et al., 2019; McKeown & Thomson, 2019; Thomson, 2017; Weizmann-Henelius et al., 2002b) no tipo ou nas características do crime violento feminino. Aquelas características estão mais associadas à versatilidade criminal, crimes violentos associados a drogas e à agressão extrafamiliar.

Na sua maioria apontam para a existência de perturbações ou problemas de saúde mental (Carabelles et al., 2019; Eronen, 1995), incluindo a psicopatia. Por exemplo, Carabelles et al. (2019), indicam que a psicopatia é mais evidente entre as mulheres homicidas que sofreram abuso ou trauma e que tende a concorrer com perturbações de personalidade e não com psicopatologia psicótica.

Também as perturbações de personalidade são referenciadas, principalmente as do Cluster B ou em comorbilidade, chamando a atenção para o papel que as perturbações de personalidade podem ter no comportamento violento das mulheres (Warren et al., 2002; Weizmann-Henelius et al., 2004).

Discussão

Os resultados indicam que os estudos sobre a caracterização psicológica mulheres que perpetraram crimes violentos continua a ser diminuta, comparativamente com os ofensores violentos homens.

A maioria dos estudos procuram analisar as mulheres que praticaram crimes violentos de uma forma geral (e.g. Hornsveld et al., 2016; Karlsson et al., 2006; Kenna & Burstein, 2005; Mahoney, 2012; McKeown & Thomson, 2019; Nagdee et al., 2019; Ramountar & Farrington, 2014; Shahbahrami & Dokanehifard, 2019; Thomson, 2017; Valverde & Ramirez, 2006; Verona & Carbonell, 2000; Warren et al., 2002; Warren & South, 2009; Weizmann-Henelius et al., 2002^a; Weizmann-Henelius et al., 2002b; Weizmann-Henelius et al., 2004; Weizmann-Henelius et al., 2006; Weizmann-Henelius, et al., 2015), havendo alguns que procuram analisar as mulheres que praticaram crimes violentos específicos, principalmente homicídio (e.g. Bennett et al., 2012; Carabelles et al., 2019; Eronen,

1995; Hatchel et al., 2018; Putkonen et al., 2003) e, também, filicídio (e.g. Poteyeva & Leigey, 2018; Putkonen et al., 2010).

Apesar da literatura indicar que os crimes sexuais perpetrados por mulheres serem elevados ao nível mundial (UNODC, 2018) penas um procura caracterizar as mulheres condenadas por crimes sexuais (Fazel et al., 2008), o que indica que a violência sexual continua a ser um crime visto como menos associado às mulheres e, possivelmente, mais obscurecido na sociedade.

Outro resultado a destacar é o facto da maioria dos estudos serem desenvolvidos no continente Europeu, principalmente no Norte da Europa, em países como a Finlândia (e.g. Putkonen et al., 2003; Putkonen et al., 2010) , sendo o estudo mais antigo da presente revisão também deste país (Eronen, 1995), bem como o único estudo qualitativo (Venalaine, 2017). Este resultado pode parecer paradoxal, dadas as baixas taxas de criminalidade nestes países. No entanto, este resultado veicula a maior preocupação do sistema de justiça destes países pelas condições mentais dos que praticam crimes violentos, apostando em medidas que avaliem, monitorizem e promovam a saúde mental dos que praticaram crimes.

No que se refere às características psicológicas das mulheres envolvidas em crimes violentos, a investigação continua a ser menos consistente e menos consensual. Há estudos que indicam que as mulheres violentas não se distinguem em termos indicadores psicológicos das mulheres que praticam crimes não violentos (e.g. Warren et al. 2009; Valverde & Ramirez, 2006) ou dos homens que praticarem crimes similares (Hornsveld et al., 2016; Shahbahrani & Dokanehifard, 2019), enquanto outros apontam, no sentido contrário, de manifestarem mais desajustamento comparativamente às mulheres não violentos (Kenna & Burstein, 2005) e aos homens (Hatchel et al., 2008).

No entanto, é possível verificar um padrão nesta inconsistência, em função das amostras que os estudos utilizam. Quando os estudos utilizam apenas amostras de mulheres que praticaram crimes violentos, tendem a apontar para a existência de problemas de saúde mental, principalmente uma elevada prevalência de perturbações de personalidade (Warren et al., 2002; Weizmann-Henelius et al., 2004), especificamente no *Cluster B*, que inclui a antissocial, *borderline*, histriónica e narcísica. Estes estudos realçam também a existência de indicadores de psicopatia, principalmente na sua dimensão mais antissocial (Carabelles et al., 2019; McKeown & Thomson, 2019; Thomson, 2017; Weizmann-Henelius et al., 2002b). Globalmente, estes estudos tendem

associar o crime violento a indicadores de psicopatologia e perturbações de personalidade.

Por seu turno, quando os estudos utilizam amostras comparativas os resultados começam a ser menos consistentes. No caso da comparação com ofensoras não violentas, a maioria dos estudos indicam que os indicadores de perturbação de personalidade e psicopatia não são determinantes na prática de crime violento (e.g., Warren et al., 2009) mas que há alguns fatores psicológicos que sobressaem na perpetração de alguns crimes – a perturbação narcísica no caso do homicídio (Warren et al., 2009), a psicose nos crimes mais violentos, incluindo o homicídio (e.g., Bennett et al., 2012; Nagdee et al., 2019).

Verifica-se, no entanto, um maior consenso no que diz respeito à reincidência criminal violenta, indicando que as características antissociais e psicopáticas são notórias nas mulheres reincidentes violentas (e.g., Putkonen et al., 2003; Weizmann-Henelius, et al., 2015) quando comparadas com mulheres reincidentes não violentas, e que tendem a manifestar mais psicopatologia (Mahoney, 2012). O mesmo não se verifica quando se compara com homens reincidentes, indicando que homens e mulheres reincidentes violentos tendem a apresentar indicadores psicológicos similares (Putkonen et al., 2003).

Especificamente, no caso dos estudos que procedem à comparação entre homens e mulheres condenados por crimes violentos, os resultados são também um pouco inconsistentes. No entanto, apesar de haver alguns estudos que indicam que as mulheres apresentam valores superiores de psicose e problemas de saúde mental do que os homens (e.g., Hatchel et al. 2018), a maioria indica que mulheres e homens violentos não diferem, quer ao nível de perturbações psiquiátricas quer ao nível de características de personalidade (Hornsveld et al., 2016; Ramountar & Farrington, 2014; Shahbahrani & Dokanehifard, 2019).

Apesar da diversidade dos estudos e de alguns resultados inconsistentes, é possível identificar alguns indicadores psicológicos transversais e/ou mais consensuais:

- (i) Apesar de se identificar problemas de saúde mental e/ou de perturbações de personalidade, há o consenso que estes não determinam por si só a prática de crime violento, sendo necessário considerar outras dimensões (e.g. Warren et al., 2009)

- (ii) Havendo problemas ao nível de saúde mental, a psicose é considerada um fator de risco para o crime violento feminino (Bennett et al., 2012; Fazel et al., 2008; Hatchel et al., 2018; Nagdee et al., 2019).
- (iii) No âmbito das perturbações de personalidade, há um consenso de que são as perturbações do cluster B que mais se destacam na prática de crime violento
- (iv) No que se refere à reincidência no crime violento, a presença de indicadores de personalidade antissocial parece ser um fator importante (Putkonen et al., 2003; Weizmann-Henelius, et al., 2015)
- (v) Parece haver um maior consenso para as similaridades psicológicas entre os homens e as mulheres que cometeram crimes violentos do que diferenças (Hornsveld et al., 2016; Ramountar & Farrington, 2014; Shahbahrami & Dokanehifard, 2019).

Face ao exposto, conclui-se a necessidade de investir mais na investigação que procure analisar as características psicológicas das mulheres ofensoras violentas. Considerando o tipo de estudos em que a investigação é menos consistente, os que utilizam amostras comparativas, deve haver um investimento nestes estudos, para uma melhor clarificação da identificação ou não de características que distingam a criminalidade violenta feminina.

Por fim, há que referir que, ao longo do processo de seleção dos artigos que integram a presente revisão sistemática, se identificou a tendência de analisar a criminalidade feminina à luz de indicadores de vitimação e experiências de adversidade, em detrimento da dimensão psicológica. Assim, para estudos futuros, poderá ser útil fazer uma sistematização sobre estes indicadores de vitimação e, provavelmente, analisá-los comparativamente aos indicadores psicológicos.

Referencias bibliográficas

- Alvarez, A. & Bachman, R. (2017). *Violence, the enduring problem*. Sage: London.
- Andrews, D. A. & Bonta J. (2010). *The psychology of criminal conduct* (5th ed.). Cincinnati, Ohio: Anderson.

- Andrews, D. A., Bonta, J., & Hoge, R. D. (1990). Classification for effective rehabilitation: Rediscovering psychology. *Criminal Justice and Behavior*, 17, 19-52. doi: 10.1177/0093854890017001004
- Beauchaine, T. P., Klein, D. N., Crowell, S. E., Derbidge, C., & Gatzke-Kopp, L. (2009). Multifinality in the development of personality disorders: A biology $\times$ sex $\times$ environment interaction model of antisocial and borderline traits. *Development and Psychopathology*, 21, 735-770. doi: 10.1017/s0954579409000418
- Belknap, J. (2014). *The invisible woman: Gender, crime, and justice*. Toronto, ON: Nelson Education.
- Bennett, S., Farrington, D. P., & Huesmann, L. R. (2005). Explaining gender differences in crime and violence: The importance of social cognitive skills. *Aggression and Violent Behavior*, 10(3), 263–288.
- Bennett, D., Jim, O., Mullen, P. & Thomas, S. (2012). A study of psychotic disorders among female homicide offenders. *Psychology, Crime & Law*, 18 (3), 231-243. DOI: [10.1080/10683161003752311](https://doi.org/10.1080/10683161003752311)
- Byrne, M. K., & Howells, K. (2002). The psychological needs of women prisoners: Implications for rehabilitation and management. *Psychiatry, Psychology and Law*, 9, 34-43. doi: 10.1375/132187102760196871
- Bureau of Justice Statistics (2020). *Violent Crime*. Disponível em: <https://www.bjs.gov/index.cfm?ty=tp&tid=31#summary>
- Bonta, J., Blais, J., & Wilson, H. A. (2014). A theoretically informed meta-analysis of the risk for general and violent recidivism for mentally disordered offenders. *Aggression and Violent Behavior*, 19(3), 278–287.
- Bonta, J., Law, M., & Hanson, K. (1998). The prediction of criminal and violent recidivism among mentally disordered offenders: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 123, 123-142.
- Brennan, T., Breitenbach, M., Dieterich, W., Salisbury, E. J., & Van Voorhis, P. (2012). Women's pathways to serious and habitual crime: A person-centered analysis incorporating gender responsive factors. *Criminal Justice and Behavior*, 39, 1481-1508. doi:10.1177/0093854804265179

- Campbell, A. (2009). Gender and crime: An evolutionary perspective. In A. Walsh & K. Beaver (Eds.), *Criminology and biology: New directions in theory and research* (pp. 117–136). New York, NY: Routledge.
- Carabellese, F., Felthous, A. R., Mandarelli, G., Montalbò, D., Tegola, D., Rossetto, I., Franconi, F., & Catanesi, R. (2019). Psychopathy in Italian female murderers. *Behavioral sciences & the law*, 37(5), 602–613.
<https://doi.org/10.1002/bsl.2430>
- Carson, E. A. (2018). *Prisoners in 2016*. Bureau of Justice Statistics, 1–35.
- Cortoni, F., Hanson, R. K., & Coache, M. E. (2010). The recidivism rates of female sexual offenders are low: A meta-analysis. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 22, 387–401.”
- Daly, K. (1994). *Gender, crime, and punishment*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Douglas, J. E., Burgess, A. W., Burgess, A. G., & Ressler, R. K. (2006). *Crime classification manual: a standar system for investigation and classifying violent crimes*. San Francisco: John Wiley & Sons.
- Dowden, C., & Andrews, D. A. (1999). What works for female offenders: A meta-analytic review. *Crime & Delinquency*, 45, 438–452.
- Eronen, M. (1995). Mental disorders and homicidal behavior in female subjects. *The American journal of psychiatry*, 152(8), 1216–1218. <https://doi.org/10.1176/ajp.152.8.1216>
- Fajnzylber, P., Lederman, D., & Loayza, N. (2002). Inequality and Violent Crime. *The Journal of Law & Economics*, 45(1), 1-39. doi:10.1086/338347
- Fazel, S., Sjöstedt, G., Grann, M., & Långström, N. (2010). Sexual offending in women and psychiatric disorder: a national case-control study. *Archives Sexual Behavior*, 39(1), 161-7. doi: 10.1007/s10508-008-9375-4.
- Fontaine, R. G. (2007). Disentangling the psychology and law of instrumental and reactive subtypes of aggression. *Psychology, Public Policy, and Law*, 13, 143-165. doi: 10.1037/1076- 8971.13.2.143
- Forouzan, E., & Cooke, D. J. (2005). Figuring out la femme fatale: Conceptual and assessment issues concerning psychopathy in females. *Behavioral Sciences & the Law*, 23(6), 765–778.

- Gendreau, P., Little, T. and Goggin, C. (1996) A Meta-Analysis of the Predictors of Adult Offender Recidivism: What Works. *Journal of Criminology*, 34, 588-590.
- Hachtel, H., Nixon, M., Bennett, D., Mullen, P., & Ogloff, J. (2018). Motives, Offending Behavior, and Gender Differences in Murder Perpetrators With or Without Psychosis. *Journal of interpersonal violence*, 886260518774304. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/0886260518774304>
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (2nd edition). Toronto, Canadá: Multi-Health Systems.
- Hornsveld, R., Zwets, A. J., Leenaars, E., Kraaiaat, F. W., Bout, R., Lagro-Janssen, T., & Kanters, T. (2018). Violent Female Offenders Compared With Violent Male Offenders on Psychological Determinants of Aggressive Behavior. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 62(2), 450–467. <https://doi.org/10.1177/0306624X16648109>
- Janeksela, G.M. (1997) Female criminality: An overview. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, 21(2),181-205. Doi: 10.1080/01924036.1997.9678595
- Jones, N.J., Brown, S.L., Wanamaker, K.A., & Greiner, L. E. (2014). A quantitative exploration of gendered pathways to crime in a sample of male and female juvenile offenders. *Feminist Criminology*, 9 (2), 113-136. Doi: 10.1177/155708511350185
- Karlsson, L.C., Soveri, A., Saarinen, M., & Weizmann- Henelius, G. (2016). The role of set-shifting ability in differentiating between subgroups of female violent offenders. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 27 (5), 745-759.
- Kenna, C. E., & Burstein, A. G. (2005). Tellegen's Multidimensional Personality Questionnaire in Violent and Nonviolent Women Criminals [Electronic Version]. *Applied Psychology in Criminal Justice*, 1(2), 110-137.
- Mahoney, A. L., & Karatzias, T. (2012). Violent female offending: An exploration of repeat and one-time offending. *The International Journal of Forensic Mental Health*, 11(3), 191–202.
- Maschi, T., Morgen., K., Bradley, C., & Hatcher, S. (2008). Exploring Gender Differences on Internalizing and Externalizing Behavior Among Maltreated Youth: Implications for Social Work Action. *Child and adolescent social work journal*, 25, 531-547.

- McKeown, A., & Thomson, N.D. (2019). Psychopathy and intelligence in high-risk violent women. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 30 (3), 484-495, DOI: [10.1080/14789949.2018.1560487](https://doi.org/10.1080/14789949.2018.1560487)
- McDermott, B. E., Quanbeck, C. D., Busse, D., Yastro, K., & Scott, C. L. (2008). The accuracy of risk assessment instruments in the prediction of impulsive versus predatory aggression. *Behavioral Sciences & the Law*, 26, 759-777. doi: 10.1002/bsl.842
- McGuire, J. (2004). *Understanding Psychology and Crime: Perspectives on Theory and Action*. Maidenhead: Maidenhead McGraw-Hill International UK Ltd.
- McHugh. M., Livingston, N. A., & Ford, A. (2005). Postmodern approach to women's use violence: developing, multiple and complex conceptualizations. *Psychology of women quarterly*, 29, 323-336.
- Moffitt, T., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P. (2001). *Sex differences in antisocial behaviour: Conduct disorder, delinquency and violence in the Dunedin longitudinal study*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M. *et al*. Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Syst Rev* 4, 1 (2015). <https://doi.org/10.1186/2046-4053-4-1>
- Morgan, R.E., & Truman, J. L. (2020). *Criminal victimization, 2019*. U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Bureau of Justice Statistics.
- Nagdee, M., Artz, L., Corral-Bulnes, C., Heath, A., Subramaney, U., de Clercq, H. G., Erlacher, H., Kotze, C., Lippi, G., Naidoo, S., & Sokudela, F. (2019). The psycho-social and clinical profile of women referred for psycho-legal evaluation to forensic mental health units in South Africa. *The South African journal of psychiatry: SAJP: the journal of the Society of Psychiatrists of South Africa*, 25, 1230. <https://doi.org/10.4102/sajpsychiatry.v25i0.1230>
- Poteyeva, M., & Leigey, M. (2018). An Examination of the Mental Health and Negative Life Events of Women Who Killed Their Children. *Social Sciences*, 7(9), 168.
- Putkonen, H., Amon, S., Eronen, M., Klier, C., & Almiron, M., Cederwall, J., & Weizmann-Henelius, G. (2010). Child murder and gender differences - A nationwide register-based study of filicide offenders in two European countries. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 21(5), 637-648.

- Putkonen, H., Komulainen, E. J., Virkkunen, M., Eronen, M., & Lönqvist, J. (2003). Risk of repeat offending among violent female offenders with psychotic and personality disorders. *The American journal of psychiatry*, 160(5), 947–951.
<https://doi.org/10.1176/appi.ajp.160.5.947>
- Ramoutar, K., & Farrington, D. (2006). Are the same factors related to participation and frequency of offending by male and female prisoners? *Psychology, Crime & Law*, 12(5), 557-572. DOI: [10.1080/10683160500337626](https://doi.org/10.1080/10683160500337626)
- Rettinger, L., & Andrews, D. (2010). General risk and need, gender specificity, and the recidivism of female offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 37, 29-46.
- Reiss, A., & Roth, J. (1993). *Understanding and preventing violence*. Vol. 1. Washington, DC: National Academies Press.
- Richardson, D.S. (2005). The myth of female passivity: thirty years of revelations about female aggression. *Psychology of women quarterly*, 29 (3), 238-247.
- Shahbahrami, M.H., & Dokanehifard, F (2019). Comparing Personality Disorders and Criminal Thinking Styles in Male and Female Prisoners Convicted of Violent Crimes. *Avicenna J of Neuropsychophysiology*, 6(3), 103-112.
- Shamseer, L., Moher, D., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., & Stewart, L.A. the Prisma-P Group (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015: elaboration and explanation. *Research methods & reporting*, 2-25. <https://doi.org/10.1136/bmj.g7647>
- Thomson N. D. (2020). An Exploratory Study of Female Psychopathy and Drug-Related Violent Crime. *Journal of interpersonal violence*, 35(3-4), 794–808.
<https://doi.org/10.1177/0886260517690876>
- Torgersen, S., Kringlen, E., & Cramer, V (2001). The prevalence of personality disorders in a community sample. *Archives of General Psychiatry*, 58(6), 590-6. doi: 10.1001/archpsyc.58.6.590. PMID: 11386989
- Uniform Crime Reporting (2010). Crime in the United States, 2010. Disponível em <https://ucr.fbi.gov/crime-in-the-u.s/2010/crime-in-the-u.s.-2010/violent-crime>

- Uniform Crime Reporting (2019). Crime in the United States, 2019. Disponible em <https://ucr.fbi.gov/crime-in-the-u.s/2019/crime-in-the-u.s.-2019>.
- Uniform Crime Reporting (2018). Violent Crime. Disponible em: <https://ucr.fbi.gov/crime-in-the-u.s/2018/crime-in-the-u.s.-2018/topic-pages/violent-crime>
- United Nations Office on Drug and Crime, UNODC (2018). *Annual Report*. Disponible em https://www.unodc.org/documents/AnnualReport/Annual-Report_2018.pdf.
- Valverde, S., & Ramirez, J. (2006). Trastornos y desajustes psicológicos asociados a la violencia delictiva: Un estudio con mujeres costarricenses privadas de libertad. *Medicina legal de Costa Rica*, 23 (1), 51-74.
- Van Voorhis, P., Peiler, J. Presser, L. Spiropoulis, G., & Sutherland, J. (2003). *Classification of women offenders: A national assessment of current practices and the experience of three states*. Report to the National Institute of Corrections. Washington, DC: Government Printing Office.
- van Wormer, K. (2010). *Working with female offenders: A gender sensitive approach*. Chichester, UK: John Wiley & Sons.
- Venäläinen, S. (2017). No Longer Let Anyone Hit Me for Free: Affective Identificatory Practices of Women Imprisoned for Violent Crimes. *NORA - Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 25 (2), 126-140, DOI: [10.1080/08038740.2017.1343256](https://doi.org/10.1080/08038740.2017.1343256)
- Verona, E., & Carbonell, J. L. (2000). Female violence and personality: Evidence for a pattern of overcontrolled hostility among one-time violent female offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 27(2), 176–195
- Walsh, A., Wells, J., & Gann, S.M. (2020). *Correctional Assessment, Casework, and Counseling*. Gewerbestrasse, Switzerland: Springer.
- Warner, J. A. (2012). *Women and Crime: A reference handbook*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO.
- Walter, M., Wiesbeck, G.A, Dittmann, V., & Graf, M. (2011). Criminal recidivism in offenders with personality disorders and substance use disorders over 8 years of time at risk. *Psychiatry Research*, 186 (2-3):443-5. doi: 10.1016/j.psychres.2010.08.009.

- Warren, J. I., Burnette, M., South, S. C., Chauhan, P., Bale, R., & Friend, R. (2002). Personality disorders and violence among female prison inmates. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 30(4), 502–509.
- Warren, J. I., Burnette, M., South, S. C., Chauhan, P., Bale, R., & Friend, R. (2002). Personality disorders and violence among female prison inmates. *The journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 30(4), 502–509.
- Warren, J. I., & South, S. C. (2009). A symptom level examination of the relationship between Cluster B personality disorders and patterns of criminality and violence in women. *International journal of law and psychiatry*, 32(1), 10–17.
<https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2008.11.005>
- Warren, J., & Burnette, M. (2012). Factor invariance of Cluster B psychopathology among male and female inmates and association with impulsive and violent behavior. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 23, 40-60. doi: 10.1080/14789949.2011.627442
- Weizmann-Henelius, G., Ilonen, T., Viemerö, V., & Eronen, M. (2006). A comparison of selected Rorschach variables of violent female offenders and female non-offenders. *Behavioral sciences & the law*, 24(2), 199–213.
<https://doi.org/10.1002/bsl.680>
- Weizmann-Henelius, G., Putkonen, H., Grönroos, M., Lindberg, N., Eronen, M., & Häkkänen-Nyholm, H. (2010). Examination of psychopathy in female homicide offenders—Confirmatory factor analysis of the PCL-R. *International Journal of Law and Psychiatry*, 33, 177-183. doi: 10.1016/j.ijlp.2010.03.008
- Weizmann-Henelius, G., Sailas, E., Viemerö, V., & Eronen, M. (2002). Violent women, blame attribution, crime, and personality. *Psychopathology*, 35(6), 355–361.
<https://doi.org/10.1159/000068590>
- Weizmann-Henelius, G., Viemerö, V., & Eronen, M. (2003). The violent female perpetrator and her victim. *Forensic science international*, 133(3), 197–203.
[https://doi.org/10.1016/s0379-0738\(03\)00068-9](https://doi.org/10.1016/s0379-0738(03)00068-9)
- Weizmann-Henelius, G., Viemerö, V., & Eronen, M. (2004). Psychological Risk Markers in Violent Female Behavior. *International Journal of Forensic Mental Health*, 3 (2), 185-196. DOI: [10.1080/14999013.2004.10471206](https://doi.org/10.1080/14999013.2004.10471206)

Weizmann-Henelius, G., Virkkunen, M., Gammelgård, M., Eronen, M., & Putkonen, H.
(2015). The PCL-R and violent recidivism in a prospective follow-up of a nationwide sample of female offenders. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 26(5), 667–685.

Anexo

Quadro 1 - descrição individual das publicações incluídas na revisão sistemática

	Publicação	P - Participantes	I – Intervenção	C - Comparação	O – Outcomes (resultados)	S – Studies (tipo de estudos)	Conclusões
1	Kenna & Burstein, 2005	62 mulheres ofensoras (Estados Unidos): 32 violentas e 32 não violentas	- Não foca a intervenção - Analisa se e como o <i>Multidimensional Personality Questionnaire</i> (MPQ) pode caracterizar de forma diferenciada as mulheres condenadas por crimes violentos e não violentos, focando os principais traços que o instrumento permite avaliar	Compara características de personalidade das mulheres condenadas por crimes violentos e não violentos	- O grupo de mulheres violentas tem valores significativamente inferiores no bem-estar e valores mais elevados na reação ao stress e na realização. - O grupo não violento tem valores mais baixos na absorção. - Ambos os grupos têm valores mais baixos na proximidade social, mas o grupo violento muito mais baixo, bem como pontua muito mais na alienação.	Artigo quantitativo, comparativo	- As mulheres ofensoras violentas são menos otimistas (bem-estar), menos sociáveis (proximidade social) e menos inclinadas à compartimentalização (Absorção). São mais ambiciosas (Realização) e mais ansiosas (Reação ao Stress) do que o grupo não violento. As mulheres violentas parecem ser psicologicamente mais desajustadas do que as mulheres não violentas.
2	Valverde & Ramírez, 2006	60 mulheres reclusas (Costa Rica): 30 condenadas por crimes violentos e 30 condenadas por crimes não violentos	- Não foca a intervenção - Explora a relação entre os problemas e perturbações psicológicas e a violência criminal numa amostra de	Compara as características de personalidade e problemas psicológicos entre mulheres ofensoras violentas e não violentas	- No MMPI-2, as mulheres violentas pontuam significativamente menos nas escalas L, 4 (PD), 6 (PA), 7 (PT) 8 (SC). Não há diferenças significativas na psicopatia (PCL-R) e em nenhum dos seus fatores (fator 1 e fator 2).	Artigo quantitativo Comparativo	A psicopatia não é um fator determinante que influencie a prática de crime, violentos ou não, não se tendo encontrado diferenças significativas entre os grupos. Não se identificaram outros problemas psicológicos significativos, dado que o perfil das mulheres com uma história

			mulheres ofensoras da Costa Rica		As mulheres que usaram violência instrumental obtiveram pontuações maiores na escala 1 (Hs), 4 (pd), 8 (SC) e 0 (Si).		violenta, se encontra dentro dos valores médios
3	Fazel, Sjostedt, Grann, & Langtrom, 2008	93 mulheres condenadas por crimes sexuais (Suécia)	Analisa a prevalência das hospitalizações psiquiátricas, perturbações psicóticas e abuso de substâncias em ofensoras sexuais	Compara a amostra de mulheres condenadas por crimes sexuais (n=93) com uma amostra randomizada da população geral (n=20, 597) e com uma amostra randomizada de mulheres que cometeram outros tipos de crime violentos (n=422)	Comparativamente às mulheres da população geral: - As mulheres que praticaram crimes sexuais apresentam uma maior prevalência de hospitalizações psiquiátricas (36.6% vs. 4.6%) - Maiores taxas de diagnóstico de psicose (7.5 vs. 1.4) - Mais problemas de consumo de substâncias (18.3 vs. 0.9). Comparativamente às ofensoras que cometeram outros tipos de crime, não identificam diferenças significativas.	Estudo quantitativo, design com grupos controle com amostras randomizadas	A doença mental severa, como a psicose, pode ser considerada um fator de risco para o crime violento, mas não especificamente para o caso das ofensas sexuais, dada a ausência de diferenças significativas entre as tipologias de crime.
4	Warren & South, 2009	261 mulheres reclusas (Estados Unidos)	As propriedades psicométricas e a estrutura dos critérios de Perturbação da Personalidade do Cluster B (antissocial, <i>borderline</i> , histriônico e narcisista) são	Não se aplica	Os valores do fator <i>borderline</i> estão significativamente associados quer à vitimação como à perpetração de violência física e sexual. O fator antissocial e o fator narcisista estão relacionados com a ameaça e perpetração de violência física. O fator	Estudo quantitativo, retrospectivo	O comportamento narcisista está associado não só ao sentido de grandiosidade e realização, mas também à elevação dos níveis de agressividade, raiva e ausência de remorso. Não é possível determinar a ligação do comportamento agressivo e violento com o diagnóstico de

			examinadas em uma amostra de 261 presidiárias usando uma grelha de autorrelato seguida por uma entrevista diagnóstica completa.		histrionico está correlacionado apenas com a perpetração de violência sexual.		personalidade antissocial. As mulheres do presente estudo que apresentam comportamento antissocial são mais impulsivas, mas não necessariamente violentas em termos interpessoais. Contrariamente, o narcisismo está relacionado com os comportamentos de ameaça e violência. O comportamento violento e o homicídio são oito vezes superiores entre as mulheres só com perturbação de personalidade narcísica ou em combinação com outras perturbações de personalidade (antissocial, paranoide)
5	Poteyeva & Leigey, 2018	416 reclusas (Estados Unidos): - 55 mulheres e 28 homens presos por filicídio - 333 mulheres presas por outro tipo de homicídio ou agressão	Não foca intervenção	Procura comparar (ao nível da saúde mental, vitimação e nível económico): - as mulheres e os homens presos por filicídio - as mulheres presas por filicídio e as mulheres presas por	- Identificam diferenças significativas entre as mulheres e os homens condenados por filicídio, em que as mulheres apresentam mais problemas ao nível da saúde mental, têm mais história prévia de vitimação física e sexual e maiores níveis de pobreza. As mulheres filicidas apresentam mais similaridades com as mulheres não filicidas. As	Estudo quantitativo. Não recorre a instrumentos para avaliar a saúde mental ou estado psicológico, recorre aos relatos dos participantes, que	Concluem existirem diferenças de género, ou seja, entre os homens e as mulheres filicidas – maiores taxas de vitimação prévia, maiores dificuldades económicas e mais problemas de saúde mental. Mais de metade da amostra das mulheres não apresenta problemas de saúde mental, podendo justifica-se pelo facto de estarem em instituições psiquiátricas e não em prisões ou, ainda, pode refletir que

				outro tipo de crime violento	primeiras referem ter sido mais diagnosticadas por depressão, enquanto as segundas referem mais ter tido algum tipo de diagnóstico psiquiátrico.	respondem à um conjunto de questões (sim ou não).	os problemas de saúde mental podem estar presentes em algumas ofensoras, mas não em todas, não se podendo associar o crime necessariamente e exclusivamente a problemas de saúde mental.
6	Shahbahrami & Dokanehifar d, 2019	996 reclusos, homens e mulheres condenados por crimes violentos (Estados Unidos) Não é referido o número de mulheres nem de homens.	Não se aplica	Comparar perturbações de personalidade e estilos de pensamento criminal entre homens e mulheres condenados por crimes violentos	Os resultados indicam diferenças estatisticamente significativas nos valores globais do estilo de pensamento criminal entre os homens e as mulheres, sendo mais elevados nas mulheres.	Estudo quantitativo, retrospectivo Aplicaram: - <i>Millon Clinical Multiaxial Inventory</i> MCMI-III para avaliar os traços de personalidade e o trauma psicológico - <i>Criminal Thinking Styles Questionnaire</i>	Existe uma maior prevalência de perturbações psiquiátricas entre os homens e as mulheres reclusas do que na população em geral, bem como ao nível do estilo de pensamento criminal. Embora as mulheres apresentem valores superiores ao nível do estilo de pensamento criminal, não se identificam diferenças de género no padrão de pensamento criminal nem ao nível das perturbações psiquiátricas.
7	Hornsveld et al., 2016	170 homens condenados por crimes violentos e 59 mulheres	Não se aplica	Comparar os homens e mulheres ao nível dos determinantes	As mulheres apresentam valores mais elevados ao nível da instabilidade emocional (neuroticismo) e da raiva,	Estudo quantitativo	As mulheres violentas não diferem assim tanto dos homens violentos ao nível de traços de personalidade e problemas de comportamento,

		condenadas por crimes violentos (Alemanha)		psicológicos para o comportamento agressivo (traços de personalidade e problemas comportamentais)	apresentando valores mais baixos na hostilidade.		exceto nos níveis de raiva e neuroticismo (instabilidade emocional).
8	Thomson, 2017	125 mulheres condenadas por crimes violentos (Estados Unidos)	Não se aplica	Comparar se há diferenças ao nível dos fatores de risco individuais entre: - Mulheres condenadas por crimes violentos e relacionados com droga - Mulheres condenadas por crimes violentos não relacionados com drogas - Mulheres condenadas por crimes não violentos	Identificam-se traços psicopáticos antissociais mais elevados nas mulheres que praticaram crimes violentos relacionados com drogas Os traços psicopáticos de insensibilidade/frieza são mais prováveis no grupo de mulheres com crimes violentos não relacionados a drogas	Estudo quantitativo	Conclui-se a heterogeneidade do comportamento violento da mulher e que a psicopatia é um importante fator de risco para a violência, referindo que as dimensões do constructo são essenciais para compreender o contexto da violência relacionada com as drogas (componente antissocial) o presente estudo demonstra que as mulheres com crimes violentos relacionados com drogas são caracteristicamente mais antissociais do que as outras mulheres violentas e não violentas. Este resultado é consistente com o constructo de traços psicopáticos antissociais – adoção de mais comportamentos de risco, tomada de decisão impulsiva, raiva e comportamento de externalização.
9	Mahoney, 2012	87 mulheres reclusas e condenadas por	Não se aplica	Comparar as mulheres primárias e as reincidentes ao nível das características	Mulheres reincidentes apresentam mais problemas económicos e relacionais, cometem a primeira ofensa numa idade mais jovem, cometem mais crimes, tiveram	Estudo quantitativo	As mulheres reincidentes apresentam evidência de psicopatologia.

		crimes violentos (Escócia)		demográficas, ofensas variáveis comportamentais e de saúde mental	problemas de comportamento na infância e apresentam mais problemas de consumo de substâncias e de perturbações de personalidade.		Globalmente, apresentam muitas similaridades com os homens ofensores, tais como os problemas comportamentais na infância, a idade precoce da primeira ofensa e instabilidade relacional. Os autores salientam principalmente a questão relacional nas relações de intimidade, referindo que o bem-estar psicológico e emocional das mulheres assenta na sua vinculação aos outros, estando nas mulheres reincidentes comprometida.
10	Putkonen et al., 2003	132 mulheres reencaminhadas para avaliação psiquiátrica após serem condenadas por homicídio ou tentativa de homicídio e 1.736 mulheres que praticaram outros crimes violentos (Finlândia)	Não se aplica	Comparar mulheres homicidas com mulheres que praticaram outros crimes violentos ao nível da taxa de reincidência e analisar as variáveis explicativas da reincidência	Não há diferenças entre os dois grupos de mulheres ao nível de reincidência. As mulheres que cometem ofensas repetidas, 81% foi diagnosticada com perturbações de personalidade e 10% com psicose.	Estudo quantitativo	O risco de reincidência nas mulheres que praticaram crimes violentos é elevado, sendo similar para as mulheres homicidas e as outras mulheres violentas. A reincidência violenta, incluindo o homicídio, está associada a perturbações de personalidade antissocial. Homens e mulheres que são violentas e que têm perturbações de personalidade são comparáveis em termos do risco de reincidência.
11	Putkonen et al., 2010	124 filicidas na Áustria e Finlândia:	Não se aplica	Compara filicidas homens e filicidas mulheres ao nível do historial e	Ambos apresentam uma infância adversa. Os homens tendem a cometer mais suicido na cena do crime do que as mulheres. As	Estudo quantitativo retrospectivo, recorrendo a	Apesar de algumas diferenças de género entre os filicidas, estas não

		- 79 mulheres - 45 homens		diagnóstico psiquiátrico e outras variáveis relacionadas com a saúde mental.	mulheres são mais diagnosticadas com perturbação psicótica e os homens como tendo problemas de abuso de substâncias,	dados do sistema de justiça e a registos médicos.	são tão consideráveis como expectável. Concluem que os homens filicidas se distinguem mais dos outros ofensores homicidas do que as mulheres das outras ofensoras homicidas.
12	Weizmann-Henelius, et al., 2015	48 ofensoras (Finlândia)	Não se aplica Procura analisar a validade preditiva da PCL-R para a reincidência violenta	Compara a reincidência violenta com a reincidência não violenta	A prevalência da reincidência violenta foi de 33.3% e da reincidência não violenta foi de 10.5%. Não se encontram diferenças significativas entre as reincidentes violentas e não violentas, embora as violentas apresentem um score total mais elevado.	Estudo quantitativo, prospetivo de follow-up. Recorre a dados do sistema de justiça, prisional e a registos médicos. Administração da PCL-R.	Os resultados não fundamentam o uso da PCL-R como sendo um instrumento que possa avaliar o risco da reincidência violenta nas mulheres ofensoras. Apenas a impulsividade e o comportamento antissocial anterior são importantes indicadores da psicopatia feminina e da reincidência violenta. A disparidade de género quanto à validade preditiva da PCL-R pode dever-se às diferenças de género relativamente à manifestação ou expressão da psicopatia.
13	Bennett et al., 2012	55 mulheres homicidas em Vitoria (Australia)	Não se aplica	Compara as mulheres homicidas com 2 grupos controlo selecionados da base de dados prisional – homens homicidas e mulheres que	69.1% das mulheres homicidas tiveram algum contacto prévio com os serviços de saúde mental. 16.4% foram diagnosticadas com esquizofrenia e 20% com psicose. Estes dados são significativamente superiores aos do grupo controlo.	Estudo quantitativo. Recorreu a registos relativos à saúde mental e dados prisionais	As mulheres homicidas apresentam uma taxa mais elevada de psicose. 69.1. % das homicidas tiveram contato com os serviços de saúde mental antes de sua infração e aquelas com diagnóstico prévio de psicose quase todas morreram após uma história prolongada de doença mental e contacto com os serviços de saúde mental.

				praticaram outro tipo de crime.			Os clínicos precisam considerar a variedade de fatores relacionados a ofensas violentas (por exemplo, fatores de risco estáticos e dinâmicos), em vez de considerar a presença ou ausência de ofensas violentas anteriores.
14	Hachtel et al., 2018	435 homicidas entre 1997 e 2005 em Vitória, Austrália: 380 homens e 55 mulheres	Não se aplica Analisar as características dos homicidas com diagnóstico de psicose e sem diagnóstico de psicose, procurando analisar diferenças de gênero	Procuram analisar diferenças de gênero entre os ofensores com e sem diagnóstico de psicose	Não há associação entre o gênero, grupos de diagnóstico e homicídio instrumental ou reativo. A maioria das ofensas em todos os diagnósticos revelam planejamento e intenção prévia de matar No entanto, as mulheres tendem a manifestar maiores níveis de psicose do que os homens homicidas e maiores problemas de saúde mental.	Estudo quantitativo retrospectivo	Os resultados indicam que a presença de problemas de saúde mental grave não leva necessariamente a impulsividade ou à ausência de planejamento relativamente à violência severa. As mulheres tendem a matar pessoas próximas ou familiares, o que pode indicar que as mulheres com psicose não sofrem as mesmas dificuldades em estabelecer relações interpessoais como os homens ou, em alternativa, que são consideradas mais facilmente como tendo problemas de saúde mental.
15	McKeown & Thomson, 2019	24 mulheres reclusas condenadas por crime violento, no norte de Inglaterra	Não se aplica explora a associação correlacional entre psicopatia e inteligência numa amostra de agressoras violentas de alto risco.	Não se aplica	Não se encontram diferenças significativas entre os valores totais da WAIS e a PCL-R (total, fatores e facetas). Não se encontra qualquer associação entre o fator 2 (aspectos comportamentais e tendências criminais) e as facetas do estilo de vida e antissocial e a inteligência, incluindo a compreensão verbal. As únicas	Estudo quantitativo, administração da PCL-R e da WAIS	Agressoras violentas de alto risco com traços psicopáticos interpessoais demonstram níveis mais elevados nas competências de compreensão verbal. Este resultado pode ajudar a explicar por que as agressoras psicopatas, que podem ser caracterizadas por comportamentos

					associações significativas encontram-se entre o fator 1 (aspectos intrapessoais da psicopatia – frieza, falta de empatia e remorso, superficialidade, manipulação, grandiosidade) e a compreensão verbal. Ao nível das facetas, esta associação é significativa para a faceta interpessoal, mas não para a afetiva,		enganosos e egocêntricos, podem ser capazes de seduzir e enganar outras pessoas para o seu ganho pessoal.
16	Karlsson et al., 2016	42 mulheres reclusas condenadas por crimes violentos (Finlândia)	Não se aplica Procura compreender a relação entre as funções executivas (capacidade de mudar de perspetiva) e o crime violento nas mulheres	Compara subgrupos de ofensoras violentas em função da diversidade criminal e a frequência das ofensas.	As mulheres que só cometem crimes violentos têm menor capacidade de mudar de perspetiva e apresentam menos perturbações de personalidade do que as mulheres que cometem crimes violentos e não violentos.	Estudo quantitativo. Foram administrados os seguintes instrumentos: Wisconsin Card Sorting Test para avaliar o funcionamento executivo; Structured Clinical Interview II para o DSM-IV, para avaliar as perturbações de personalidade;	Limitações no funcionamento executivo estão mais associadas ao crime violento do que à criminalidade em geral – idêntico ao que acontece na criminalidade masculina. Problemas no funcionamento executivo pode levar a comportamentos violentos devido à dificuldade em regular o comportamento, pelo que não leva necessariamente a outros tipos de comportamento criminal. As mulheres com maior versatilidade criminal apresentam mais perturbações de personalidade, o que vai ao encontro da investigação. Assim, a criminalidade violenta perpetrada por ofensoras que apresentam vários tipos de crime resultam mais

						PCL-R para avaliar a psicopatia; <i>Weschler Adult Intelligence Scale</i>	de características de personalidade e não de problemas ao nível do funcionamento executivo. Nas mulheres, a impulsividade e a instabilidade emocional são características chave da personalidade antissocial, <i>borderline</i> e psicopática, o que leva a comportamentos violentos, mas também a outros tipos de atividade criminal.
17	Eronen, 1995	127 mulheres homicidas (Finlândia)	Não se aplica	Compara a prevalência de perturbações mentais entre as mulheres homicidas e a população geral da Finlândia	a As mulheres homicidas apresentam 10 vezes mais probabilidades de ter esquizofrenia ou uma perturbação de personalidade do que a população feminina em geral. As perturbações mais prevalentes são o abuso/dependência do álcool e perturbação de personalidade antissocial.	Estudo quantitativo, recorrendo a dados de avaliações psiquiátricas forenses durante 13 anos	As perturbações mentais parecem estar associadas ao comportamento homicida em países com taxas de criminalidade baixas. As mulheres tendem a apresentar taxas reduzidas de homicídios, mas as mulheres com perturbações mentais constituem um grupo de alto risco para o comportamento homicida.
18	Carabellese et al., 2019	51 mulheres homicidas (Itália): - 30 que apresentavam doença mental na altura do crime e foram	Não se aplica Procura analisar o nível de traços de psicopatia numa amostra de mulheres homicidas com diferentes tipos de	Não se aplica	As mulheres que cometeram homicídio apresentam mais problemas de saúde mental. A maioria dos homicídios foram cometidos de forma impulsiva. A maioria dos homicídios ocorre no contexto familiar, sendo mais	Estudo quantitativo, retrospectivo	O crime de homicídio está associado a problemas de saúde mental, principalmente psicose. A psicopatia tende a coocorrer com perturbações de personalidade e não com psicopatologia psicótica.

		consideradas não responsáveis por insanidade; - 11 mulheres que apresentavam doença mental na altura do crime e foram consideradas parcialmente responsáveis - 10 mulheres consideradas criminalmente responsáveis	responsabilidade criminal (não responsável por insanidade, responsabilidade parcial, responsabilidade criminal)		perpetrados por mulheres com problemas de psicose e menos por mulheres com psicopatia. Nenhuma das mulheres excedeu o ponto de corte da PCL-R (25), não se identificando a presença de psicopatia. Apenas 7 revelam alguns traços psicopáticos, estando nos valores limites (entre 20- 24)		A psicopatia é mais evidente entre as mulheres homicidas que sofreram abuso ou trauma. As mulheres homicidas com características de psicopatia têm valores mais elevados no Fator 1 (interpessoal/afetivo) e menos elevados na componente antissocial do Fator 2.
19	Ramountar & Farrington, 2014	118 homens e 93 mulheres condenados (Trinidad)	Não se aplica	Comparar os fatores de risco para a prevalência e frequência de crimes violentos e crimes contra a propriedade entre homens e mulheres, tendo por base a teoria da aprendizagem social, a teoria da rotulagem e a teoria da personalidade.	No que diz respeito ao risco de prevalência: Nos homens o reforço psicológico de ser capaz de descarregar raiva ao cometer atos ilícitos foi associado ao maior risco de participação masculina em crimes violentos. A baixa empatia foi significativamente relacionada apenas à participação masculina em crimes violentos. No caso das mulheres, o sentimento de ter sido rotulada negativamente está relacionado	Estudo quantitativo retrospectivo, utilizando a administração de uma entrevista estruturada.	As variáveis explicativas mais importantes relacionadas à participação masculina em crimes violentos foram os itens relacionados com o reforço e a personalidade. Ser egocêntrico e ser incapaz de ver as coisas da perspectiva de outra pessoa (baixa empatia) estão associados a uma maior probabilidade de participação masculina em crimes violentos. A rotulagem parental foi o fator teórico mais importante relacionado à participação feminina nos crimes violentos. Quanto mais

					apenas à participação feminina em crimes violentos. Ser alvo de punições severas e punições corporais foram associadas a um risco aumentado de participação feminina em crimes violentos. No que diz respeito à frequência: Para aos homens, os constructos da teoria da aprendizagem são os mais significativos para explicar a frequência dos atos violentos: o reforço direto (ganhar estatuto, poder, satisfação pessoal) e o reforço vicariante (ganhos que observam nos outros). As variáveis explicativas que estão significativamente relacionadas à frequência feminina de crimes violentos também se relacionam com a teoria da aprendizagem social, mas as que dizem respeito às recompensas psicológicas que sentiram: aumento de controlo nas suas vidas quando estão envolvidas no crime.		percecionam que foram rotuladas de forma negativa, maior era a probabilidade da sua participação em crimes violentos. Também o reforço vicariante (a percepção de que outras pessoas obtêm recompensas com as atividades criminais) está associado a uma maior probabilidade de participação feminina em crimes violentos. A variável de personalidade mais importante é a impulsividade, estando relacionada quer com a participação e frequência dos crimes violentos como dos crimes contra propriedade – senso similar nos homens e nas mulheres.
20	Nagdee et al., 2019	573 mulheres ofensoras violentas referenciadas para observação	Não se aplica Procura compreender os contextos psicossociais das mulheres ofensoras	Não se aplica	Os resultados descrevem uma população de mulheres com um background de experiências de adversidade e dificuldades económicas e sociais. Apresentam	Estudo quantitativo retrospectivo, revendo um período de 12	Concluem a prevalência de perturbações psicóticas, em detrimento das perturbações de personalidade.

		psiquiátrica na África do Sul.	referenciadas para avaliação psiquiátrica		um historial de vitimação, problemas de abuso de álcool e problemas de saúde mental. As mulheres apresentam taxas elevadas de perturbações psicóticas e do espectro das perturbações de humor, mas apresentam taxas reduzidas de perturbações de personalidade.	anos, recorrendo aos dados de unidades psiquiátricas forenses	
21	Verona & Carbonell, 2000	186 mulheres reclusas numa prisão estadual nos Estados Unidos.	Analisar o constructo da hostilidade na explicação do crime violento	Comparar mulheres reclusas classificadas como não violentas, violentas primárias e violentas reincidentes.	As mulheres violentas reincidentes evidenciam maiores níveis de impulsividade e raiva. No entanto, o constructo da hostilidade não permite neste estudo diferenciar as ofensas violentas das não violentas, não havendo diferenças significativas.	Estudo quantitativo, recorrendo aos dados prisionais, à administração do MMPI-2 e da <i>Anger Expression Scale de Spielbertg.</i>	Concluem que a escala de hostilidade subcontrolada é mais uma medida de um padrão de hostilidade do que uma medida de comportamento violento. Por si só não explica o comportamento violento, sendo necessário considerar variáveis contextuais.
22	Warren et al., 2002	261 Mulheres reclusas em segurança máxima (Estados Unidos)	Não se aplica Procura explorar a relação entre as perturbações de personalidade e o tipo de crime e a violência no contexto prisional.		Os resultados indicam uma elevada comorbilidade entre os vários diagnósticos do Cluster B e associações significativa com vários tipos de crime violento. Existe uma relação significativa entre a perturbação de personalidade narcísica e o crime violento, incluindo o homicídio.	Estudo quantitativo, recorrendo aos dados do sistema prisional, instrumentos de autorrelato (<i>Brief Symptom Inventoty, Barrat</i>	Conclui-se que elevadas taxas de comorbilidade das perturbações do cluster B chamam a atenção para a relevância que as perturbações de personalidade podem ter no comportamento violento das mulheres. No entanto, considerando que tratam de mulheres caracterizadas por várias vulnerabilidades socioeconómicas, educacionais e

						<i>Impulsivity Scale</i> e <i>Prison Adjustment Questionnaire</i>) e a <i>Structured Clinical Interview</i> para o DSM-IV	desenvolvimentais, isto pode agravar ou influenciar esta relação.
23	Weizmann-Henelius et al., 2002a	58 mulheres condenadas por crimes violentos (Finlândia)	Não se aplica Analisa a relação entre a atribuição da culpa e sentimentos de culpa com fatores relacionados com o crime, <i>background</i> e personalidade	Não se aplica	Os sentimentos de culpa são maiores no caso de homicídio do que noutros crimes violentos, mas menores nos casos das mulheres que já têm historial anterior de crimes violentos. Quando as vítimas sobrevivem, os sentimentos de culpa parecem aumentar ao longo do tempo. A atribuição da culpa e os sentimentos de culpa estão relacionados com a personalidade. As mulheres com psicopatia apresentam menos sentimentos de culpa, o que não se verifica nas mulheres com personalidade antissocial.	Estudo quantitativo, recorrendo à administração da PCL-R, entrevistas clínicas, do <i>Gugjansson Blame Attribution Inventory</i> (BAI) e o <i>Defense Style Questionnaire</i> (DSQ).	Concluem que os resultados sugerem que as mulheres parecem ter dificuldades em lidar com o crime violento e que as características de psicopatia têm um impacto crucial nos sentimentos de culpa e, consequentemente, em lidar com o crime. As mulheres apresentam menos sentimentos de culpa do que os que são reportados pelos homens.
24	Weizmann-Henelius et al., 2002b	61 mulheres violentas (Finlândia)	Não se aplica	Procura analisar a relação entre as agressoras violentas e as suas vítimas, bem como as supostas diferenças	As perturbações de personalidade do Cluster B são as perturbações mais frequentes nos três grupos. Uma percentagem muito maior de mulheres que vitimaram	Estudo quantitativo, administração da SCID-II e da PCL-R.	As causas do comportamento violento contra estranhos e meros conhecidos podem estar mais relacionadas com características de personalidade associadas à psicopatia, ao abuso de substâncias

				nos motivos e fatores psicológicos específicos entre três grupos de agressoras: - Que vitimaram alguém muito próximo - Que vitimaram um conhecido - Que agrediram um estranho.	conhecidos e estranhos preenche os critérios de perturbação de personalidade antissocial e borderline. As mulheres que agrediram um conhecido têm mais perturbações de personalidade paranoide, enquanto as que agrediram estranhos manifestam mais perturbação de personalidade esquizotípica. Há diferenças significativas nas pontuações da PCL-R. O grupo das que agrediram alguém próximo obteve uma pontuação média inferior (10,57), comparativamente às que agrediram conhecidos (19,29) e estranhos (19,94)		e ao comportamento criminal anterior – o que não se verifica na violência contra uma pessoa próxima. O grupo das que vitimaram estranhos e conhecidos relataram mais perturbações psicológicas e psiquiátricas do que as mulheres cujas vítimas eram conhecidas. Os resultados também indicam que o comportamento feminino violento leva mais frequentemente à morte da vítima no caso em que a vítima é alguém próximo do que nos outros dois grupos de agressoras.
25	Weizmann-Henelius et al., 2004	90 mulheres (Finlândia): 61 mulheres agressoras violentas e 30 mulheres não agressoras	Não se aplica. Procura identificar indicadores de risco psicológico para agressoras violentas.	Compara mulheres agressoras violentas e mulheres não agressoras, em termos de experiências de vitimização, acontecimentos de vida adversos, perturbações de personalidade e	As agressoras tiveram mais experiências adversas na infância e na idade adulta do que as não agressoras e relataram dificuldades na relação com o parceiro antes do crime. As perturbações de personalidade do Cluster B e no funcionamento cognitivo são mais evidentes nas agressoras do que nas não agressoras.	Estudo quantitativo recorrendo a administração da PCL-R e escala de inteligência.	Concluem que a grande maioria das mulheres que apresentam risco de comportamento violento tem perturbação de personalidade e problemas de abuso de substâncias.

				capacidade cognitiva. Dentro do grupo das agressoras, compara as reincidentes e as primárias.	Da comparação entre as reincidentes e as primárias resultou que a perturbação de personalidade antissocial, traços psicopáticos e o abuso de substâncias são mais frequentes entre as reincidentes.		
26	Weizmann-Henelius et al., 2006	75 mulheres (Finlândia): 45 agressoras violentas e 30 mulheres não agressoras	Não se aplica	Procuram comparar as mulheres agressoras violentas e as mulheres não agressoras em termos de nove variáveis do Rorschach e de três das variáveis de agressão de Gacono e Meloy (1994).	Identificou-se um estilo de coping mais evasivo e inconsistente nas agressoras comparativamente às não agressoras. As agressoras caracterizam-se por imaturidade social e têm capacidade limitada para lidar com o stress, em comparação com as não infratoras. Não há diferenças significativas entre os dois grupos ao nível da gestão de emoções intensas, nem ao nível da agressividade. No entanto, há uma relação significativa entre a agressividade e experiências de vitimação na infância.	Estudo quantitativo	As variáveis do Rorschach relacionadas com os recursos adaptativos para o coping discriminam as mulheres agressoras violentas das não agressoras. O mesmo não se verifica com as variáveis associadas às características afetivas, necessitando de mais aprofundamento.
27	Venalaine, 2017	20 reclusas condenadas por crimes violentos (Finlândia)	Não se aplica Procura explorar os significados que as reclusas condenadas por crimes violentos atribuem à sua	Não se aplica	Identificam 4 grupos de self emergentes das narrativas: - Self vitimizado - Self defensor - Self perdido	Estudo qualitativo, recorrendo à psicologia crítica do discurso	A violência surge vinculada à vulnerabilidade e vitimação, bem como aos esforços de se defenderem a si próprias ou outros. Estas narrativas veiculam construções de género sobre a

	violência e a si próprias.	- Selfs reabilitado/não reabilitável.	mulher, permitindo-lhes manter uma imagem de feminilidade.
--	-------------------------------	--	---

